



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História**

LEONARDO ARGUELLO ALVES

**MAGIA NA ANTIGUIDADE: REPERTÓRIO TEMÁTICO E TRADUÇÃO
DAS *DEFIXIONES* DA PENÍNSULA IBÉRICA (I AEC - II EC) EM BASE
DE DADOS**

**01 DE NOVEMBRO DE 2023
CAMPO GRANDE/MS**



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História

LEONARDO ARGUELLO ALVES

**MAGIA NA ANTIGUIDADE: REPERTÓRIO TEMÁTICO E TRADUÇÃO
DAS *DEFIXIONES* DA PENÍNSULA IBÉRICA (I AEC - II EC) EM BASE DE
DADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Monografia, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

Professor Co-Orientador: **Dr. Arthur Rodrigues Pereira Santos / UFRJ**

01 DE NOVEMBRO DE 2023
CAMPO GRANDE/MS

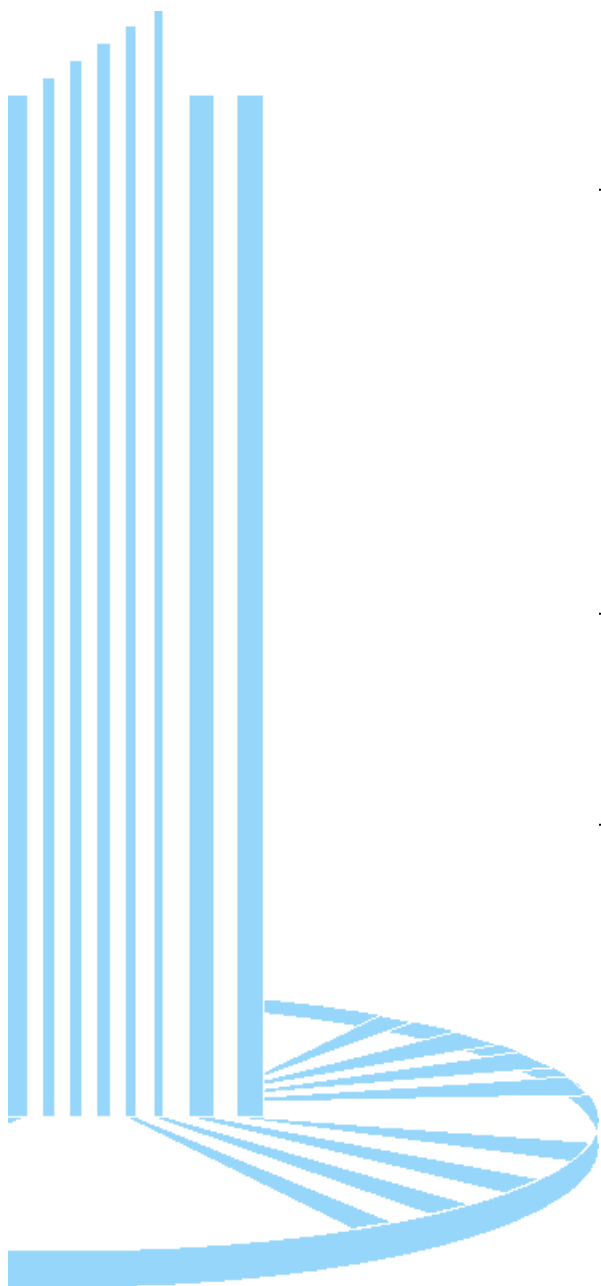
BANCA

Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos
UFMS (Orientador)

Prof. Dr. Arthur Rodrigues Pereira Santos
UFRJ (Co-orientador)

Profa. Dra. Lia R. Toledo Brambilla Gasques
UFMS (Membro Titular)

Profa. Dra. Arlete José Mota
UFRJ (Membro Titular)



AGRADECIMENTOS

Escrevo estes agradecimentos de maneira singular e respeitosa a todos que contribuíram para a minha chegada até esta etapa, em especial as diversas pessoas que foram luz em minha trajetória. Agradeço à minha família, aos meus pais Antônio Marcos e Edmara Regina, que foram pontes seguras de força para eu progredir, aos meus irmãos André Luiz e Victor Hugo, e, em especial, à minha avó, a professora de História Rita Maria, que foi uma fonte segura de inspiração para que eu adentrasse no mundo do Ensino de História e ao meu avô Antenor que sempre me apoiou e me mostrou os caminhos corretos e seguros a seguir. Também sou grato à minha noiva, Ana Letícia, cujo companheirismo, amor e compreensão desde o dia em que chegou em minha vida foram fundamentais para eu estar aqui hoje.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos, manifesto meu profundo agradecimento, pois o seu posicionamento em prol da ciência e do conhecimento histórico não apenas serviu de base para eu chegar até aqui, mas também como fonte segura na qual pretendo me espelhar. Seu conhecimento, paciência e compromisso com os fatos foram fundamentais para que eu estivesse aqui hoje. Por isso, dedico um agradecimento mais do que fundamental, a essa pessoa tão especial. Agradeço também ao Prof. Dr. Arthur Rodrigues (UFRJ) pelo zeloso apoio na pesquisa acerca das traduções do latim para o português, o que me fez aprender mais e ter mais proximidade com a língua Latina.

Agradeço ao Laboratório de Pesquisa ATRIVM e a cada membro que tenho a alegria de conviver, pois é um local efetivo de companheirismo na prática da pesquisa e ensino. Aos membros que fazem parte da minha banca, desde já, os meus sinceros agradecimentos. A todos que fazem parte da minha trajetória e não foram citados acima - são muitos - trago um singelo agradecimento a cada um deles.

Ao final, agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, local que me proporcionou uma formação de qualidade por meio de toda uma equipe em prol de proporcionar uma experiência única no que tange ao ensino, pesquisa e extensão. De igual forma, minha gratidão aos meus professores, cada um deles que tive a honra de ser aluno, e que, cada um à sua maneira singular, contribuíram significativamente para a minha formação. Ao CNPq, que foi fundamental para a minha pesquisa e o desenvolvimento do trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo geral a construção de um repertório temático e a tradução das *defixiones* da Península Ibérica, durante os séculos I AEC – II EC. Nesse contexto, busca-se identificar e traduzir tais inscrições a fim de compreender os diversos aspectos culturais proporcionados pelo contexto da magia na antiguidade. O estudo em questão procura fazer um levantamento historiográfico sobre a magia na antiguidade e suas relações com a esfera sobrenatural na vida cotidiana popular romana. Assim, busca-se democratizar o acesso ao conhecimento acerca da sociedade romana e da prática da magia na antiguidade, traduzindo as *defixiones* e disponibilizando o material através de um banco de dados para que todos os interessados possam ter acesso a conteúdo em língua portuguesa.

Palavras chaves: Magia na Antiguidade; *Defixiones*; Repertório Temático das *defixiones ibéricas*.

ABSTRACT

This research aimed to construct a thematic repertoire and translate the defixiones from the Iberian Peninsula during the 1st century BCE to the 2nd century CE. In this context, the objective was to identify and translate these inscriptions in order to comprehend the diverse cultural aspects provided by the context of magic in antiquity. The study in question seeks to conduct a historiographical survey on magic in antiquity and its connections with the supernatural sphere in Roman popular daily life. Thus, the aim is to democratize access to knowledge about Roman society and the practice of magic in antiquity by translating the defixiones and making the material available through a database so that all interested parties can access content in the Portuguese language.

Keywords: Magic in Antiquity; Defixiones; Thematic Repertoire of Iberian defixiones.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. HISTÓRIA DA MAGIA NA ANTIGUIDADE.....	8
2. AS <i>DEFIXIONES</i> NA HISTÓRIA DA MAGIA.....	16
3. <i>DEFIXIONES</i> NA PENÍNSULA IBÉRICA: HÁBITO EPIGRÁFICO.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXO: REPERTÓRIO TEMÁTICO DAS <i>DEFIXIONES</i> DA PENÍNSULA IBÉRICA I AEC – II EC.....	47

INTRODUÇÃO

A História Antiga, no âmbito do currículo educacional brasileiro, passa por diferentes configurações à medida que novas noções de conhecimento empírico e social se inserem na pesquisa e produção da História da Educação Brasileira e da História do Brasil. Pensar a História Antiga no Brasil implica, antes de tudo, observar uma nação formada a partir de elementos essenciais categorizados como fundamentais durante o período que se configura como "antiguidade clássica".

Para compreender o papel da História Antiga e seu impacto na nação, é importante entender o conceito de "pensar história", conforme apresentado por Guarinello: "A História é pensada como *res gestae* ou como *narratio rerum gestarum*, ou seja, pensada como tal, como aconteceu realmente" (Guarinello, 2003, p. 43). O pensamento histórico reflete sobre "*res gestae*", isto é, "a coisa feita", o que realmente existiu. Como não é possível acessar a história de forma intrapessoal, os estudos da História Antiga são conduzidos a partir de materiais. Conforme Guarinello, "O único acesso que temos ao passado é o presente, por meio de objetos, textos ou memórias de indivíduos vivos existentes" (Guarinello, 2003, p. 43). Portanto, os estudos relacionados à História Antiga exigem um árduo trabalho de pesquisa de fontes do passado para compreender os costumes sociais e políticos da época, buscando compreender os resultados empregados e vivenciados naquele momento.

Considerando essas análises iniciais, é relevante investigar por que estudar a História Antiga no Brasil e quais são os impactos sociais desse estudo. De acordo com Guarinello, "a História Antiga é um recorte útil para o presente [...] porque se baseia em uma tradição intelectual muito rica em termos humanos [...] e a tradição que estudamos e transformamos em História é, ainda, nossa própria tradição. Somos parte dela, mesmo no Brasil" (Guarinello, 2003, p. 57). Isso sugere que o Brasil está incluído em uma ampla gama de tradições e costumes herdados da Antiguidade, que permanecem presentes nos dias atuais. Estudar a História Antiga no Brasil significa analisar e comunicar os motivos que moldaram o país como ele é hoje.

Não podemos afirmar que nossos costumes se originam exclusivamente de nós mesmos; há diversos traços na nossa comunidade que derivam de uma sucessão da Antiguidade. Compreender esses fatores nos ajuda a entender a nossa realidade como cidadãos de um país moldado por meios democráticos. Em relação às configurações

políticas brasileiras, a palavra "democracia" também tem origem na Antiguidade. Segundo Souza, uma das maiores preocupações no ensino da História Antiga é como ela é apresentada na linha do tempo para os alunos e como contribui para a compreensão do caminho percorrido até os dias atuais (Souza, 2019, p. 583).

Diante da importância dos estudos da História Antiga no Brasil, é crucial reconhecer o trabalho conjunto de diversos pesquisadores de antiguidades presentes no país. Os estudos da História Antiga como campo de pesquisa e ensino específico remontam a 1961, quando foi aceita a dissociação dos ensinamentos únicos em antiguidade e Idade Média, passando a haver um estudo específico em História Antiga, liderado pelo Professor Eurípedes Simões de Paula (Santos, Kolv, Nazário, 2017, p. 117). Desde então, diversas instituições e grupos, como a SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos) e o GTHA (Grupo de Trabalho em História Antiga da ANPUH), têm impulsionado discussões e pesquisas na área.

Os estudos em História Antiga, no contexto social brasileiro, são essenciais para compreender a nação como uma sociedade autárquica, herdeira de valores e crenças do mundo antigo que ainda se manifestam nos dias de hoje. Sua importância vai além da sala de aula, uma vez que há uma sensação de continuidade no fluxo histórico, como se houvesse uma herança histórica universal para o mundo ocidental, no qual o Brasil está inserido (Souza, 2019, p. 583).

Considerando essas questões, este trabalho tem como objetivo apresentar a prática da magia na Antiguidade, a partir de um repertório temático e tradução das *defixiones* da Península Ibérica entre os séculos I AEC e II EC. O objeto de estudo são as defixiones, também conhecidas como placas ou tabletes de maldições, que são placas de chumbo, bem como de outros materiais, com inscrições que visam influenciar, por meio do sobrenatural, as ações ou situações humanas, sem o controle da pessoa alvo.

A temática da magia se estende ao longo do tempo e apresenta diversas manifestações na sociedade, inclusive nos dias atuais, como evidenciado na diversidade de panfletos, programas de TV e sites da internet que oferecem serviços relacionados a práticas mágicas. Diante desse contexto, surge o questionamento sobre a magia na Antiguidade Romana e como tais práticas se materializavam na Península Ibérica Romana nos séculos I AEC e II EC.

Os estudos específicos sobre magia ganharam impulso no século XIX com a visão tripartida do antropólogo inglês Sir James Frazer, expressa em sua obra "O Ramo Dourado" (1890), na qual ele diferencia magia, religião e ciência. Por outro lado, o historiador holandês Henke Versnel considera a magia como uma forma de conhecimento operacional que busca controlar a natureza por meio de leis falsas (Versnel, 1991:177-8).

Em contraste com a visão de Frazer, o sociólogo Marcel Mauss considera a magia como uma técnica fundamental, conforme evidenciado em seu texto "*As origens mágicas das técnicas e das ciências*" (1902-03:145-6). Mauss defende que a magia não é um conhecimento primitivo, mas sim uma base para o desenvolvimento de técnicas.

O historiador George Luck, em "*Arcana Mundi: Magia y Ciencias Ocultas en el mundo Griego y Romano*", corrobora as ideias de Mauss ao definir a magia como uma técnica baseada na crença nos poderes da alma humana e do cosmos, com o objetivo de impor a vontade humana sobre a natureza ou sobre outros seres humanos por meio de práticas mágicas (Luck, 1995:35). Luck ressalta que tanto a magia quanto a ciência estabelecem leis.

Dessa forma, reiteramos que nossa análise se concentra nas práticas mágicas das *defixiones - tabellae defixionum* (em latim) - com suas origens nos *katádesmos - κατάδεσμοι* (em grego). Nosso conjunto de documentos é composto por essas inscrições latinas, produzidas na Península Ibérica entre os séculos I AEC e V EC, conforme estabelecido pela filóloga alemã Amina Kropp em sua obra "*Defixiones - Ein Aktuelles Corpus Lateinischer Fluchtafeln*" (2008).

Essa proposta está alinhada com o projeto de pesquisa "Pesquisa e Ensino sobre Antiguidade: estudos de arqueologia-histórica sobre as práticas mágicas latinas (século I AEC - V EC)", do orientador. Vale ressaltar que os dados coletados fazem parte do *corpus* maior da *Base de Dados das Defixiones do Mediterrâneo Antigo [BDMA]*, sob a coordenação do Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos.

O processo metodológico para a elaboração do banco de dados, teve como premissa a necessidade de divulgação e organização dos arquivos catalogados e traduzidos, como salienta Filipe Caldeira (2003), pode-se dizer que qualquer conjunto de dados pode formar uma base de dados (BD). Sendo assim, a análise e catalogação das

lâminas precisou de um campo de domínio e armazenamento na qual teve seu precursor o recurso *Microsoft Access DataBase*. O *Access DataBase* conta com recursos versáteis para o desenvolvimento de campos em base de dados operantes e com fácil utilização e manejo, sendo o banco mais utilizado em pesquisa e armazenamento dentro do meio acadêmico.

A necessidade de criar um banco de dados para armazenar as informações, se dá a partir do dever de estimular o avanço de conhecimento e pesquisa, junto com a integração social de levar a público os resultados empregados, para isso, ressalta Francisco Imbérnom (2010) explicando que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) são conjuntos de recursos tecnológicos que viabiliza o trânsito de informações, desde áreas públicas e comerciais, até mesmo salas de aula. A partir desta análise, gerou uma necessidade de trazer à tona por meio de recursos tecnológicos aplicados às áreas de Tecnologia da Informação um banco de dados com fácil manejo e aplicabilidade.

Entre as dificuldades apresentadas para o desenvolvimento do banco e sua finalização, se encontra a vasta gama de recursos e operacionalidade que o banco possui, tenho que por muitas vezes, utilizar-se da criação de novos parâmetros de busca e pesquisa, a fim de estabelecer funcionalidade ao novo recurso “botão, caixa de diálogo” que estava sendo adicionado. Os recursos por muitas vezes se tornaram complexos à medida que o banco foi sendo construído tenho que por muitas vezes recorrer ao suporte da Microsoft para tirar dúvidas e colocar os campos de entrada e saída de forma comunal a operação que o usuário estiver desenvolvendo.

Como resultado da construção do banco de dados, temos dois fatores de análise, a pesquisa de forma dinâmica e a organização temática sendo por diversas vezes um desafio unir esses dois padrões e gerar uma proposta que atenda os interesses procurados, por meio disso foi necessário anexar aulas do suporte da microsoft com intuito de observar a intenção e assim aplicar no referido processo.

Após as análises teóricas e metodológicas, assim como aplicação das técnicas e construção, o banco de dados de armazenamento das *defixiones* ficou o seguinte resultado.

Defixiones	
NR: dfx	01
Contexto	
Origem	Ampúrias (Hispânia Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Área de uma casa romana
Datação:	Século 1 AEC/EC
Categoria:	Não Identificado
Composição	
Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Imagem 1: Recorte 1 da lâmina da *defixio* n° 1. (Arquivo Pessoal)

Na primeira etapa da catalogação, as informações solicitadas se dão pelo critério de interpretação do contexto, sendo possível analisar em primeiro lugar, o número de classificação da peça “Nr. dfx”, partindo então para o contexto da peça na qual está subdividido os seguintes tópicos: “a origem, contexto de descoberta, datação e categoria”. Essas informações são fundamentais para a catalogação, pois vão dar ao leitor as características principais da peça e o que ela supostamente vai trabalhar. Em segundo plano ainda na primeira etapa, temos uma área reservada para explicar ao leitor a composição na qual aquela lâmina foi escrita “Material” e qual estado foi encontrada esse material “forma” sendo muitas vezes “dobrada, com furos ou sem identificação de formas”.

Análise Textual	
Texto Estabelecido	... <i>habeant illum ... felix ... Italicus ...</i>
Tradução	... Tê-lo ... feliz ... Itálico ...
Motivação	Não Identificado
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Não Identificado
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Imagem 2: Recorte 2 da lâmina da *defixio* n° 1. (Arquivo Pessoal)

Na segunda etapa da catalogação, está a parte mais importante da lâmina, as informações que as *defixiones* nos traz. Essa parte foi titulado de "Análise Textual" e nos apresenta o texto que está estabelecido na lâmina, sua proposta de tradução realizada por nós e outras informações pertinentes como: "Motivação, tom discursivo, nome do emissor do discurso, nome do receptor do discurso, divindade evocada, objetos ou partes do corpo citados e presença de palavras em outros idiomas". Essas análises são realizadas à medida que os textos vão sendo traduzidos com intuito de agregar o conhecimento além da tradução.

Referências	
Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.1/6
Bibliografias:	ALMAGRO BASCH, M. Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas. Monografias Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1952.
Comentários:	

Imagem 3: Recorte 3 da lâmina da *defixio* nº 1. (Arquivo Pessoal)

Na terceira e última etapa da catalogação, temos o campo das referências, na qual consiste nos catálogos na qual aquela lâmina também aparece ou foi retirado. Ademais, adicionamos a bibliografia utilizada e uma aba de comentários na qual é utilizada pela equipe de catalogação com intuito de apresentar informações extras acerca dessa lâmina.

No primeiro capítulo, intitulado "**História da Magia na Antiguidade**", apresentamos diferentes perspectivas sobre o conceito e a prática da magia na antiguidade. Destaca-se a natureza complexa da magia, indo além de uma prática auto-comandada e necessitando de outros saberes como ciência e escrita. Discutimos a terminologia "magia" e suas relações com rituais de feitiço na cultura grega. Examinamos a magia como uma prática complexa, capaz de gerar um profundo impacto nos estudos da antiguidade. Abordamos a perseguição aos praticantes de magia na antiguidade, ressaltando seu papel em contextos de vingança e justiça. Diferentes interpretações da magia são apresentadas, algumas enfatizando sua relação com o sobrenatural e outras destacando suas conexões com práticas sociais e humanas.

O capítulo 2, intitulado "**As Defixiones na História da Magia**", explora detalhadamente o conceito e a definição das *defixiones*, destacando sua natureza mágica

e sua estrutura física. O capítulo ressalta também a importância de pesquisas e monografias ao longo dos séculos, desde o século XVII até os tempos modernos, que contribuíram para o entendimento e a catalogação dessas placas de maldição. O capítulo destaca também a relação das *defixiones* com divindades e ressalta os locais de depósito dessas placas, como templos, santuários e locais públicos de relevância religiosa.

O capítulo 3 foi denominado “*As defixiones na Península Ibérica: hábito epigráfico*” e destaca a interação entre a Península Ibérica e o Império Romano, abordando os processos de contato e ressignificação cultural resultantes desse relacionamento. A presença romana trouxe mudanças significativas na região, incluindo influências linguísticas, culturais e religiosas, que resultaram em uma diversidade étnica e social. A análise se aprofunda na presença de *defixiones*, lâminas de maldição, na Península Ibérica Romana, destacando sua presença em diferentes regiões, como Ampúrias, Barchín del Hoyo, Bolonia/*Baelo Claudia*, Carmona, Córdoba e Sagunto, com um total de 20 lâminas catalogadas. O estudo ressalta a importância dessas descobertas para compreender não apenas os aspectos políticos, mas também as transformações culturais e sociais decorrentes da influência romana na região.

Ademais, o tcc conta com anexos das *defixiones* que foram arroladas e catalogadas ao longo dessa pesquisa. Dessa forma, fornecemos a UFMS e a comunidade parte dos dados que estarão disponíveis no site do ATRIVM.

1. HISTÓRIA DA MAGIA NA ANTIGUIDADE

1.1 O que é a Magia na Antiguidade?

A magia é o campo fundamental dos estudos acerca das pesquisas em torno da Antiguidade. Compreender, de fato, o que ela é, junto de sua importância, tem se mostrado algo essencial para o desenvolvimento de diversos trabalhos, inclusive por meio de pesquisas. Portanto, neste capítulo, abordaremos mais sobre esta prática antiga, porém complexa. Afinal, o que é a Magia?

Quando se trata de um assunto tão vasto, temos, como narrativas, diversas posições para o conceito de "Magia na Antiguidade", devido à sua carga de representatividade e singularidade. Com o passar dos anos, esse assunto esteve mais presente, pois diversos filmes e livros tratam a magia de forma complexa, carregada de estereótipos que levam o público a acreditar ser algo malicioso o uso dessa prática. Falar de magia é falar de religiosidade, medicina e até mesmo justiça em muitos casos. O uso da magia na antiguidade tem papel ambíguo e fundamental para o desenvolvimento de crenças e relações entre o homem e o místico.

Atribuindo as principais narrativas acerca da Magia, temos uma grande fenda que vai além daquilo que é apresentado para um campo amplo. Segundo Gabriele Cornelli (2011), a magia é algo que vai além de uma prática meramente auto-comandada. Ela necessita de outros saberes, como a ciência, a escrita e a oratória, para se fazer prática à luz do pitagorismo. Neste aspecto, temos um ideal de magia que transpassa o místico e engloba todo um mecanismo de práticas sociais e humanas para dar sentido às práticas estudadas.

Seguindo os estudos sobre o tema, encontramos algumas características importantes acerca da conotação da palavra "Magia". Derick Collins (2009, p. 51) já havia expressado que os praticantes de magia realizavam rituais de feitiço ou encantamento (*epoidai*) na cultura Grega. Após um processo de derivação linguística, o "*epoidai / epoide*" deu origem às derivações "*epaeidein / ekataedein*", que significa enfeitiçar enfeitiçar na visão de Collins. Carlos Campos (2022) analisa nos textos clássicos sobre a terminologia “magia” e diz que “A palavra grega *mageia* (latim *magia*) seria a arte

praticada pelo *magos* (latim *magus*)”. Campos (2022, p.42-43) prossegue argumentando que essa terminologia pode se relacionar o nome dos sacerdotes (*magav*) do Império Persa (Graf, 1995; Bremmer 1999; Collins, 2009, p. 51; Rives, 2010, p. 53–78).

Ao observarmos a magia à luz de Semíramis Corsi (2014), temos um cenário marcado por características de proibição e perseguição. No desenvolvimento de sua tese, Semíramis apresenta que os praticantes da magia na antiguidade tinham relações com os místicos que eram perseguidos e condenados por práticas contrárias ao estabelecido pelo estado. No século III EC, a prática de magia no Império Romano era considerada perigosa, podendo levar o praticante à prisão e à condenação à morte. Nesse contexto, a magia é tratada como algo perigoso, porém praticada por homens e mulheres que buscavam vingança ou justiça conforme determinado.

Ao analisarmos estes dois autores em relação aos pontos abordados sobre "o que é a magia", notamos um ponto de interpretação distinto entre os dois. Enquanto para Semíramis (2014) a magia é vista, em primeiro aspecto, como proibida e contrária aos sistemas de governo durante o século III EC, mas amplamente utilizada para diversos tipos de cultos e rituais dentro do âmbito das divindades específicas, buscando principalmente justiça e vingança. Já no caso de Cornelli (2011), temos a magia como algo comum dentro da sociedade em que estava inserida, pois suas práticas faziam parte de um contexto múltiplo que delineava as características sociais da época, estando em paralelo com a ciência e a religião.

Neste aspecto, apontamos uma notoriedade em relação ao uso da magia, que passou por modificações ao longo dos anos na antiguidade. De acordo com Gilvan Ventura da Silva (2015), a magia é algo que tem suas propriedades relacionadas aos mais diversos usos e situações, e o papel do mago nessa situação faz toda a diferença na forma como a magia será empregada, como veremos a seguir:

A magia, assim, não seria distinta, mas parte integrante dos sistemas religiosos, não comportando *a priori* um sentido benéfico ou maléfico e nem se definindo a partir de contradições tais como puro/impuro, sagrado/ profano, claridade/trevas, público/privado, em virtude do próprio relativismo subjacente a essas categorias (Silva, 2015, p.174).

Abordando os conceitos nesse aspecto, observa-se, à luz de Silva (2015), que a magia era parte de uma religiosidade que tinha como intuito atender aos desejos de seus praticantes, tanto no campo dos aspectos benéficos quanto maléficis, fazendo assim suas obras a partir das intenções dos mesmos.

Uma última abordagem acerca do que é a magia nos leva a analisar as prerrogativas de Carlos Eduardo da Costa Campos (2022), que observa a magia como algo complexo, buscando no ser humano uma vertente para contatos sobrenaturais de categoria mística. Campos tem trabalhado sobre seus aspectos acerca da magia como algo que gerou um profundo impacto nos estudos sobre a antiguidade devido aos seus usos no passado e trouxe consigo diversas consequências sociais devido à forma como o seu uso modifica os mecanismos de conhecimento da sociedade.

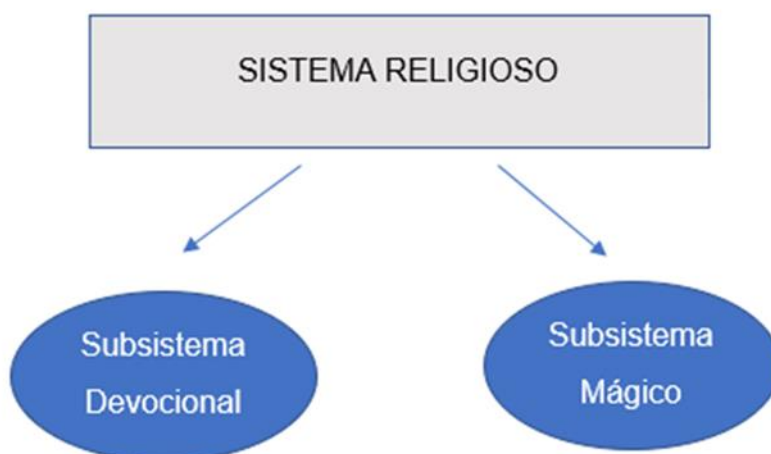
Campos relata que, por muito tempo, as pessoas que tinham contato com a magia eram consideradas "primitivas" devido ao grau de conhecimento que já se possuía durante aquele período, e o uso da magia as levava a um desconhecimento das práticas médicas e religiosas da época. Para Campos, a magia na antiguidade tinha como sua principal característica o uso das palavras, das expressões e performances com o intuito de obter lucro naquilo que se necessitava naquele momento. Dessa forma, compreendemos a magia como um conjunto de palavras, técnicas e performances que foram produzidas para manipular desejos, contextos e energias, assim visando um fim vantajoso para o(s) solicitante(s) (Campos, 2022, p. 26).

Sendo assim, observamos que cada autor, em seu momento, entende a magia como uma forma de expressão muitas vezes mágico-religiosa, ou como parte de um todo, algo essencial da humanidade. Consideramos que as expressões daquilo que foi a magia têm como definição um vasto campo de saberes e conhecimento, modificando-se com o decorrer do tempo em diversas regiões e situações. Compreender a magia na antiguidade como um aspecto único é algo impossível, pois sempre haverá algo novo para ser pesquisado. Portanto, compreenderemos a magia na antiguidade, neste contexto, à luz de Carlos Campos, que define a magia como um conjunto de técnicas que visava vantagens àqueles que as buscavam. Essas análises são as que mais se aproximam daquilo que será pesquisado e da definição mais atualizada acerca do que é a magia na antiguidade.

1.2 As categorias da Magia para os Estudos na Antiguidade

Quando discutimos a categorização da magia na Antiguidade, não estamos focando nos quantitativos do uso das práticas mágicas pelos feiticeiros que dispunham desse instrumento, mas sim na forma como essas classificações eram vistas e discutidas na antiguidade, e como as formas de estudo nos ajudam a entender as principais características desse período histórico.

Para compreendermos as categorias da magia na antiguidade, devemos observar como era composto o sistema religioso da época. Segundo Gilvan Ventura da Silva (2015), o sistema religioso era composto por dois subsistemas básicos: o Subsistema Devocional e o Subsistema Mágico, como ilustrado no quadro abaixo:



Quadro Ilustrativo 1: Autoria própria.

Ao observarmos o subsistema devocional, percebemos a presença de um rito cujo intuito é enaltecer os seres sobrenaturais, de modo que os mesmos são saudados pela sociedade com depósitos de fé e benevolência. Nesse modelo, podemos identificar paralelos com os modelos atuais que temos para compreender os termos pragmáticos da fé monoteísta e politeísta. Por outro lado, o subsistema mágico era composto por um conjunto de procedimentos que recorriam a diversas práticas, como encantamentos, movimentos, gestos, símbolos e oferendas de matéria mágica. Seu objetivo não se

limitava apenas à glorificação de uma entidade sobrenatural, mas também incluía a súplica por auxílio dessa entidade.

Na perspectiva de Silva (2015), observamos que o uso da magia tinha como objetivo a necessidade de causar dano ou cura em algo ou alguém, para o qual essa prática fosse destinada. Nesse aspecto, a magia na antiguidade se caracteriza por uma série de perspectivas que nos apresentam um conjunto de conhecimentos e saberes para realizar a cerimônia de solicitação da magia a alguma entidade.

Segundo Campos (2022), a caracterização da magia à luz de Frazer apresenta dois princípios fundamentais: a magia imitativa e a magia contagiosa. A magia imitativa, também conhecida como homeopática, consiste na imitação daquilo que o praticante deseja alcançar por meio de sua magia. Por exemplo, para obter o afeto de uma pessoa, a magia imitativa preconiza a criação de uma réplica dessa pessoa por meio de materiais que representem essa pessoa, estabelecendo assim uma conexão que afetará o alvo. Esse tipo de magia era comum para gerar ligações entre pessoas amadas (conhecida como amarração) ou até mesmo para causar danos a um inimigo, podendo levar à sua doença ou morte. Por outro lado, a magia por contágio envolve o conhecimento por parte do agente mágico de elementos que pertencem ou representam a ligação com a pessoa alvo. Essa magia pressupõe o conhecimento detalhado do alvo a ser atingido, como cabelos, unhas, pés, pernas, braços, pulmões, coração, entre outros. Ambos esses conceitos são caracterizados como Magia Simpática, pois, segundo Campos (2022): "assumem que as coisas agem, mesmo à distância, através de uma afinidade".

Outro conceito defendido por Semíramis Corsi Silva (2014) traz um importante desdobramento dos estudos da magia na antiguidade. Silva (2014) afirma que há uma terceira lei mágica que busca suprir momentaneamente a falta de um elemento. Por exemplo, em uma situação de escassez de chuva, o mago pode realizar uma súplica por água derramando um pouco de água sobre um solo seco, de modo a despertar a compreensão da entidade sobre a necessidade, o que poderia resultar em chuva e amenizar a seca (Silva, 2014, p. 114; Campos, 2022, p. 28).

Um ponto importante, afirmado por Silva, é que a magia tem como característica um ponto de poder, cujos atributos estão relacionados à forma como o mago a utiliza e

aos intuitos depositados nas entidades por ele solicitadas. A prática da magia exige técnica e emprego de conhecimentos para alcançar o sucesso em suas oferendas, a ponto de muitos reis e pessoas importantes terem procurado magos e feiticeiros como conselheiros para obter êxito em empreendimentos fundamentais.

Para compreendermos as características da magia na antiguidade em termos de distribuição, observamos, à luz de Gilson Ventura da Silva, que a magia possuía alguns fatores específicos, a saber: a) terapêutico, visando a realização de curas físicas e/ou espirituais; b) purificador e defensivo (rito apotropaico por excelência, na medida em que protegia seres, pessoas e ambientes de influências maléficas); c) divinatório; d) de transmutação (envolvendo um conjunto de feitos extraordinários, como, por exemplo, propiciar chuva, alterar o curso dos rios ou até mesmo causar a morte); e) de contra magia (todo rito que tem a intenção de desfazer algo produzido magicamente) (Silva, 2015, p. 172).

Essas características mágicas tinham como objetivo identificar a melhor forma pela qual o praticante necessitava de auxílio. Cada forma de magia possuía como ponto central uma motivação, e essa motivação estava associada à presença de alguma entidade que permitia ao praticante compreender as práticas. Portanto, era comum nas práticas mágicas da antiguidade a presença de diversos rituais, cada um destinado a uma divindade específica e detalhando como realizar o ritual para obter a atenção dessa divindade.

Outro fator essencial acerca da magia na antiguidade é a designação dos agentes mágicos pelos quais se conduzia todo o desenvolvimento do ritual. Segundo Campos (2022, p. 51-52), sob a perspectiva de Apuleio de Madaura em sua obra "Apologia", apresenta-se um estudo acerca daquilo que se considera um mago em três facetas: 1. Sacerdote na língua dos persas (Apologia, 25, 9); 2. Especialista envolvido na educação de um príncipe persa, a quem ensina as formas corretas de culto e comportamento real (Apologia, 25, 10); 3. Pessoa capaz de se comunicar com os deuses e satisfazer desejos por meio de feitiços (Apologia, 26, 6).

Segundo Carlos Campos (2022), as categorias acima demonstram que a base da magia é a comunicação entre seres humanos e sobre-humanos, os "deuses imortais", e os seus recursos específicos são os feitiços, chamados de *cantamina*. O que caracteriza um

mago é sua proximidade incomum com o sobre-humano (Campos, 2022, p. 52). O autor ressalta que a base da magia está bem delineada no fator 3, pois nele encontramos o papel fundamental do mago na antiguidade.

1.3 Especificidades da Magia na Antiguidade Romana:

Falar sobre a magia na antiguidade romana é algo que requer um estudo minucioso e dedicado, uma vez que a prática da magia dentro do Império Romano era inicialmente proibida, e portanto, realizada de forma sigilosa, uma vez que ser acusado de feiticeiro, bruxo ou mago poderia resultar em prisão ou até mesmo na pena de morte.

Ao observarmos de forma detalhada, percebemos uma divisão clara da magia. Segundo Semíramis Corsi Silva (2015), a magia na antiguidade romana se dividia em duas formas distintas: a magia oficial, ligada à religiosidade de entidades reconhecidas pelo Império Romano, e a magia considerada como charlatanismo, que era praticada pela população em geral com menos poder.

Para uma compreensão mais aprofundada dos tipos e especificidades da magia na Antiguidade Romana, consideramos as análises de Campos (2022) à luz de Semíramis Corsi Silva, em "*Magia e Poder no Império Romano - A Apologia de Apuleio*" (2012b, p. 109), onde é relatado que dentro do poderio do Império Romano havia vários tipos de magia, e essa subdivisão trazia consequências distintas para os praticantes. Por um lado, temos a *goétia*, considerada por Silva uma forma de magia negativa, com intenções maléficas e considerada charlatã, mas popular entre a população. Por outro lado, temos a magia sob o conceito da *teurgia*, que se concentrava em questões filosóficas e era considerada boa e aceita na sociedade romana (Silva, 2012b, p. 109; Campos, 2022, p. 46).

Outro aspecto que observamos, à luz de Campos (2022), é a evolução das concepções de magia durante a Antiguidade Tardia Romana, que foi marcada pelo crescimento do cristianismo e pela perseguição por parte da Igreja contra a prática da magia e dos magos. Campos aborda essa questão com base em Fritz Graf (2002, p. 96), que realizou pesquisas sobre magia feitas por Agostinho de Hipona (séculos IV-V EC), afirmando que Agostinho "teceu uma longa discussão sobre os signos e sistematizou de

forma pejorativa o tema da superstição politeísta, da idolatria e da adivinhação" (Campos, 2022, p. 47). A prática da magia, segundo Agostinho, era considerada heresia e desviava os fiéis dos caminhos sagrados, o que poderia levar à condenação da alma ao Inferno.

Portanto, a concepção de magia na antiguidade romana varia de acordo com a época. Campos ressalta que o estudo da magia também está relacionado aos estudos da micro-história, uma vez que, ao longo do tempo, o conceito foi se estruturando dentro da sociedade, resultando em fatores favoráveis ou desfavoráveis, como foi o caso da Antiguidade Tardia, cercado por conceitos políticos e sociais que beneficiavam agentes de controle ou a população em particular.

2. AS DEFIXIONES NA HISTÓRIA DA MAGIA

2.1. Definindo as *defixiones*

A história da magia no ocidente muitas vezes foi associada a práticas populares e entendida como um substrato das relações entre o sobrenatural e o pessoal. Para uma análise mais abrangente, vamos trabalhar com os ideais daquilo que é a principal fonte de estudos deste trabalho: as *defixiones*.

Para compreender o que são as *defixiones*, recorreremos a Daniela Urbanová no texto "*Latin Curse Tablets of the Roman Empire*", no qual ela explora as especificidades dos *curse tablets*. De acordo com a autora, as *defixiones* são lâminas de maldição. O termo deriva do grego *κατάδεσμοι* (*Katádesmos*), que significa a prática de uma ação sobrenatural contra um inimigo ou um agente social. No latim, o termo correspondente é *defixio*, substantivo latino que significa "encantamento, feitiço, maldição", derivado do verbo *defigo*, *-ere*, que significa "apertar, fixar, golpear, amarrar com feitiços". Segundo Urbanová, em sua forma estrutural, as *defixiones*: "Eram pedaços de chumbo inscritos, geralmente na forma de pequenas folhas finas, destinadas a afetar, por meios sobrenaturais, a vida de humanos ou animais contra sua vontade" (Urbanová, 2018, p. 17). Podemos compreender, então, que as *defixiones* consistiam em pequenas placas de chumbo com inscrições voltadas para práticas mágicas com o intuito de produzir efeitos sobrenaturais sobre seu oponente.

Ao examinarmos também as contribuições de Christopher A. Faraone e Richard L. Gordon, eles apresentam uma definição para o que era chamado de *curse-tablets*, que se alinha de maneira abrangente e próxima à de Daniela Urbanová. Para Christopher A. Faraone e Richard L. Gordon, as *curse-tablets*:

Refere-se, em sua maioria, a textos bastante sucintos, quase todos inscritos em pequenas folhas de chumbo ou estanho martelado, que visam persuadir destinatários, nomeados e não nomeados, no Outro Mundo a intervir diretamente em uma situação, geralmente carregada ou conflituosa, em que o principal sentiu que seus próprios recursos pessoais ou sociais eram insuficientes para alcançar uma solução satisfatória. (Faraone, Gordon, 2019, p. 319-320)

Para Faraone e Gordon, essas lâminas são criadas com o propósito de aplicar uma ação sobrenatural àqueles que, por meio das referências apropriadas, são invocados. O

autor do feitiço, ciente de que não possui força física ou social para resolver a situação por outros meios, recorre a meios místicos a fim de criar mecanismos para um desfecho satisfatório. Em uma análise adicional sobre o que podemos classificar como uma lâmina de maldição, temos as contribuições de Carlos Eduardo da Costa Campos em seu livro "*As tabellae defixionum da região do Lácio (I AEC-II EC)*". Para Carlos Campos, as *defixiones* são:

(...) pedaços de chumbo (também ocorrendo em outros tipos de suportes), com inscrições, geralmente, em forma de folhas pequenas e finas, usadas para influenciar, por meio do sagrado, as ações ou o bem-estar humano, geralmente contra a vontade deles (Campos, 2022, p. 17).

Para definirmos as *defixiones*, nessa pesquisa, seguiremos como base a descrição de Carlos Campos. Sendo assim, as *defixiones* são lâminas confeccionadas a partir de um material de suporte, na maioria das vezes chumbo, que contêm inscrições cuja natureza remete a diálogos com divindades sobrenaturais. O seu objetivo é atender às necessidades do invocador em relação àquele sobre quem é lançado o encantamento, produzindo efeitos físicos na vítima, que é a pessoa alvo do feitiço.

2.2 - Historicizando as *Defixiones*

No que diz respeito à historicidade temporal das *defixiones*, observamos diversas pesquisas ao longo dos séculos. Segundo Carlos Campos, os estudos das *defixiones* remontam ao século XVII, com Nicolo Ignarra, que publicou uma placa de minério encontrada em Bruttium em 1775. Embora a placa divulgada por Nicolo não fosse uma *defixio*, ela incentivou análises e estudos nesse campo (Campos, 2022, p. 75).

De acordo com Campos, a primeira monografia sobre as *tabellae defixionum* foi publicada em 1813 por Johan D. Akerblad. No entanto, o foco dessa pesquisa e monografia foi a análise das estruturas linguísticas das lâminas escritas em grego. As pesquisas mais intensivas sobre o conteúdo ocorreram por volta da virada dos séculos XIX e XX, com o desenvolvimento do apêndice das "*Inscriptiones Atticae*", publicado por R. Wünsch em 1897, que compreendia mais de duzentas placas em língua grega e uma lista de tabletes de chumbo em latim (Campos, 2022, p. 76).

A primeira dissertação que abordava o tema das *defixiones* foi apresentada em 1904 por A. Audollent, intitulada "*Defixionum Tabellae*". Audollent compilou trezentas

e cinco placas, das quais cento e treze eram em latim. Para Amina Kropp, as catalogações de Audollent "baseavam-se nos textos de Wünsch e nas que aparecem no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, como uma compilação do material epigráfico organizado de acordo com as províncias romanas" (Kropp, 2008, p. 30).

O trabalho de Audollent não continha imagens das inscrições, apenas marcações que permitiam a visualização dos desenhos ópticos por meio de sua organização. Embora a obra carecesse de recursos visuais, ela trazia análises investigativas dos fenômenos onomásticos, paleográficos e linguísticos (Campos, 2022, p. 76-77). Amina Kropp, filóloga (2008, p.31) apontou várias contradições nos textos de Audollent devido à falta de transparência na disponibilização de imagens e à imposição do texto pela paleografia. No entanto, Campos argumenta que Kropp desconsidera as questões de temporalidade ao fazer suas críticas (Campos, 2022, p. 76-77).

Ao longo dos anos, muitas pesquisas e descobertas foram feitas no campo das *defixiones*, resultando em um aumento de inscrições em grego e latim. Destaca-se o trabalho de registro de K. Preisendanz, que compilou duas obras (1930; 1933) com características geográficas intituladas "*Die griechischen und lateinischen Zaubertafeln*". Na obra vemos um panorama sobre estudos e outros dispositivos mágicos. John Gager e Carlos Campos convergem sobre Preisendanz ser um escritor fundamental para se compreender a magia greco-romana, principalmente sobre os papiros mágicos (Gager, 1992, p. 80–1; Campos, 2022, p. 77).

Os estudos sobre as *defixiones* começaram a surgir cerca de trinta anos mais tarde com o trabalho de E. García Ruiz, "*Estudio lingüístico de las defixiones latinas no incluídas en el corpus de Audollent (1967)*", que examinou lâminas não abordadas pelo trabalho de Audollent. Outros trabalhos notáveis incluem "*Eine Fluchtafel aus Ostia*" (1968) de Heikki Solin, que visava estudar as práticas de magia na cidade de Óstia, na Itália, e identificar usos para as *defixiones*.

No campo das descobertas arqueológicas sobre as lâminas de maldição, destaca-se o trabalho de David Jordan, que publicou mais de cem novas lâminas em seu artigo "*A Survey of Greek Defixiones Not Included in the Special Corpora*", de 1985. R. S. O. Tomlin realizou um estudo sobre as placas de chumbo encontradas em Bath (Aquae

Sulis), na Grã-Bretanha, entre 1979 e 1980, e seu trabalho foi publicado sob os títulos "*The Curse Tablets*" (1988a) e "*Tabellae Sulis: Roman Inscribed Tablets of Tin and Lead from the Sacred Spring at Bath*" (1988b), contando com numerosas ilustrações e comentários sobre o material de estudo, incluindo traduções para o inglês das lâminas.

Já nos anos 2000, P. Y. Lambert publicou um catálogo intitulado "*Recueil des Inscriptions Gauloises*", que forneceu uma lista bibliográfica das *defixiones* latinas encontradas na França. Além disso, Josep Corell catalogou tabletes com diversas inscrições romanas encontradas em Valência, na Espanha, em seu catálogo "*Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*". J. Blänsdorf também contribuiu com a catalogação dos achados do santuário de *Magna Mater* em Mainz, Alemanha, em 2008, com seu catálogo "*Defixionum Tabellae Mainz*".

Amina Kropp publicou o catálogo "*Magische Sprachverwendung in Vulgärlateinischen Fluchtafeln (defixiones)*" em 2008, resultado de sua tese de doutorado. Seu trabalho se destacou por analisar o material no contexto estrutural, abordando aspectos linguísticos e antropológicos. Kropp catalogou 404 *defixiones* em latim, examinando detalhes como contexto, bibliografia específica, informações sobre a lâmina e o texto em si.

As contribuições de J. Blänsdorf e M. Piranomonte no catálogo "*Terme di Diocleziano: La collezione epigráfica*" (2012) trouxeram um importante trabalho investigativo e filológico sobre as *defixiones* da sala IX das Termas de Diocleciano (49.3–6 e 49.8–28). Além disso, Daniela Urbanová desenvolveu uma importante obra sobre as *defixiones* latinas do Império Romano, abrangendo um período que vai do segundo século AEC até o século V EC. A sua obra "*Latin Curse Tablets of the Roman Empire*" (2017), contribuiu significativamente para o mapeamento e análise dessas placas de maldição.

No campo dos comentaristas sobre as *defixiones*, o trabalho de John G. Gager em "*Curse Tablets and Binding Spells from the Ancient World*" (1992) aborda os elementos básicos da magia e da religião, discutindo os possíveis locais de depósitos de lâminas, como poços e cemitérios. Fritz Graf, em sua obra "*La Magie dans l' Antiquité gréco-romaine: Idéologie et pratique*" (1994), destaca as *defixiones* como uma prática predominante, com suas inscrições frequentemente feitas em placas de chumbo. Além

disso, Kai Brodersen discute em "*Briefe in die Unterwelt. Religiöse Kommunikation auf griechischen Fluchtafeln*" (2001) como as placas de chumbo eram utilizadas para enviar mensagens ao mundo dos mortos, com o intuito de praticar adversidades contra aqueles que impunham condições ou restrições.

Em seu artigo "*The Social and Cultural Implications of Curse Tablets - In Britain and on the Continent*" (2006), Adams considerou que as placas de chumbo eram uma das formas de buscar vingança ou justiça em casos de danos sofridos no meio popular da província de *Britannia*. Arthur Ribeiro observou em seu artigo "*As tabellae defixionum: Características e propósito*" (2006) que as motivações das implicações muitas vezes não são explícitas nas inscrições, mantendo em sigilo a identidade do praticante da magia (Campos, 2022, p. 80-81).

É interessante observar que, no Brasil, as pesquisas sobre *defixiones* são em sua maioria voltadas para as *katadesmoi* de matriz grega. Maria Regina Candido contribuiu com a obra "*Katádesmos: a magia entre os atenienses do séc. V ao III a.C.*" (2001), enquanto Yasmin Pacheco apresentou em sua obra "*Katádesmoi: Práticas de magia no período clássico ateniense - Uma análise teórica*" (2020) um debate antropológico importante sobre as práticas de magia ateniense, com foco nas placas de maldição. Maria Luiza Corassin também ofereceu uma contribuição significativa com o artigo "*Uma contribuição da epigrafia para o estudo da ação mágica: as tabellae defixionum*" (1996).

Além disso, o trabalho de Renata Cazarini de Freitas, intitulado "*Roubar é um negócio de palavra: léxico do furto e do roubo em documentos latinos e portugueses*" (2015), destaca-se como uma importante pesquisa voltada para a temática da criminalidade e da justiça. Cristina Almeida de Oliveira, em sua dissertação "*De lingua ligatvm: magia e justiça nas lâminas de chumbo em Uley (Britânia Romana) nos séculos I a III EC*" (2015), analisa as orações por justiça e as características das *defixiones* encontradas em Uley.

Em relação às *defixiones* africanas, a dissertação de Natan Henrique Taveira Baptista, intitulada "*A glória atlética entre o desejo e a censura: spectāculum, conflito urbano e representação corporal do auriga na África Romana (Séc. III-IV)*" (2015), apresenta um debate sobre as inscrições de mágicas latinas, com ênfase em Hadrumento

e Cartago. Renata Cazarini de Freitas e Pedro Paulo Funari também colaboraram com uma obra conjunta sobre as *defixiones* da província de *Britannia*, intitulada "*Invocando deuses e clamando por vingança em fontes literárias e epigráficas*" (2021). (Campos, 2022, p. 83)

O pesquisador Carlos Eduardo da Costa Campos também contribuiu de maneira significativa para as *defixiones* itálicas com sua obra "*As tabellae defixionum da região do Lácio (i aec – ii ec): tradução, análise textual e hábito epigráfico*", que oferece uma análise detalhada e única sobre as *defixiones* no contexto histórico e etnográfico, além de um catálogo organizado das *defixiones* da região do Lácio entre os séculos I AEC e II EC, incluindo traduções para o português e análises epigráficas.

2.3 - Características e Estruturas das *Defixiones*

Quando falamos acerca de características e estruturas das *defixiones* temos que levar em conta que cada tablete tem suas singularidades de acordo com o decorrer do tempo. Segundo Daniela Urbanová as *defixiones* tem como intuito único a prática da maldição contra alguém, sendo assim:

Os tabletes de maldição definitivamente não podem ser classificados entre os feitiços de cura em um contexto médico, pois seu objetivo é principalmente ferir, limitar ou eliminar um oponente. A maioria deles não contém nenhuma razão para a maldição: muitas vezes há apenas uma lista de nomes que designam as pessoas que devem ser atingidas pela maldição. Os autores das maldições geralmente apelam para divindades ctônicas, dirigindo-se com mais frequência a Plutão e Perséfone. Eventualmente, eles apelam para Hermes e, a partir do século II dC, também encontramos maldições suplicando várias divindades e demônios exóticos (Urbanová, 2022, p. 17).

Para Urbanová, as *defixiones* além de sua característica de produzir a maldição contra a pessoa referida para a magia, ela também busca trazer uma perspectiva fora dos limites da ética social vigente, podendo ser invocada através de um sentimento de vingança, animosidade ou rivalidade, fazendo com que aquele que exerce esse tipo de magia possa atingir aqueles que são considerados inocentes. (Urbanová, 2022, p. 18)

Ainda nas considerações de Urbanová, as maldições são classificadas conforme suas informações contidas e a forma como podemos descrever, por meio de seus textos:

No caso de aproximadamente metade das maldições existentes, é impossível definir com certeza qual foi o motivo ou a ocasião de sua entrega; portanto, esses textos são classificados como maldições não específicas. Maldições não específicas Muitas vezes, essas são apenas listas de pessoas a serem amaldiçoadas inscritas em uma placa, enquanto a maldição em si provavelmente foi meramente proferida pelo autor; veja por exemplo No. 201 de Londres, dfr.3.14/15: *Plautius Nobilianus, Aurelius Saturninus, Domitia Attiola et si qui afuere*. (“[Eu amaldiçoo/podem ser amaldiçoados?] *Plautius, Nobilianus, Aurelius Saturninus, Domitia Attiola* e aqueles que estavam ausentes”). (Urbanová, 2022, p. 18)

Segundo Carlos Campos (2022), no que tange à categoria das *defixiones* em seu conceito taxonômico, observamos a existência de lâminas para as quais não é possível identificar de maneira concisa sua real motivação. Essas lâminas, cujo propósito não é específico ou não apresenta exatidão acerca de seu propósito, são classificadas como "maldição não especificada". Essas maldições foram difundidas em sua maioria entre os séculos I e III EC nas regiões da província do Império Romano. Nesta categoria de maldição, observa-se a construção acerca da modelagem do suporte da magia através dos rituais, mas não sendo possível identificar seu real suporte, apenas indícios do mesmo, levando a serem classificadas como anepígraficas. Também é possível notar outro modelo de maldição caracterizado como onomástica, cuja principal estrutura é constituída apenas por nomes. (Campos, 2022, p. 105)

Ainda nas considerações de Carlos Campos (2022), quando é identificado o motivo do discurso da magia, a maldição traz consigo alguns aspectos como animosidade, rivalidade, inveja, entre outros. A partir destes aspectos, é possível classificar as *defixiones* de acordo com sua categoria. August Audollent (1904) classificou as *defixiones* detalhadas em quatro aspectos: "*defixiones iudicariae, agonisticae, amatoriae e in fures*". Foi ainda adicionada mais uma categoria, "Oração por Justiça", posteriormente, por aqueles que suplicavam por causas injustas sofridas (Campos, 2022, p. 105; Ogden, 2002, p. 07).

Os aspectos das *defixiones* detalhadas apresentam um conjunto de características. As *defixiones* jurídicas ou legais (*defixiones iudicariae*) têm como principal objetivo desmoralizar o oponente no tribunal, deixando-o sem ações de fala ou reação, com o intuito de ganhar a causa estabelecida. Esse tipo de aspecto é encontrado em quase 20% dos tabletes de magia, cujo discurso é identificável, presente em quase

todas as regiões das províncias do Império Romano, exceto na região da *Britannia*, onde ocorre uma grande incidência a partir do século I EC, destacando-se especialmente na região da *Germania* (Campos 2022 p. 105; Urbanová, 2017, p. 61).

Continuando, as *defixiones* agonísticas (*defixiones agonisticae*) têm o objetivo de limitar as habilidades de um rival, sejam elas físicas, mentais ou comerciais, visando ter vantagem sobre o concorrente ou vencer uma disputa. Esse aspecto é muito comum entre as *defixiones* latinas, representando cerca de 20% de sua totalidade, e seu principal uso é atribuído às disputas e competições (Campos 2022, p. 105; Urbanová 2017, p. 61–64). Já as *defixiones* amorosas (*defixiones amatoriae*) estão associadas ao amor e aos desejos. Neste aspecto, temos dois tipos de expressões de magia: aquele que realiza a magia para aumentar o afeto amoroso na pessoa em que o emissor está depositando esse amor e aquele que quer se vingar de uma rivalidade amorosa. Em ambos os casos, é possível observar o nome da pessoa que o emissor deseja que seja atingida. Essa prática começou a ser vigente no Império Romano entre os séculos II e III EC (Campos 2022, p. 105; Urbanová 2017, p. 61–64).

O último aspecto das *defixiones* é relacionado como "Oração por Justiça", que se refere aos casos em que alguém cometeu uma injustiça ou realizou alguma maldade contra o emissor do discurso. Este termo foi introduzido recentemente por H. Versnell (2010) e é utilizado por estudiosos da magia. Nessas situações, é possível observar uma súplica aos deuses para que aquele ou aquela que cometeu roubo, calúnia, difamação, ações malignas, entre outros, contra o solicitante da magia seja punido ou confesse seu erro, apresentando características específicas que trazem uma identificação mais clara sobre o real intuito dessa prática (Campos, 2022, p. 105; Urbanová 2017, p. 66).

Campos observa que as *defixiones* de "Oração por Justiça" geralmente incluem o nome do autor, um endereço, uma divindade local e uma motivação para a entrega da oração. É provável que mais da metade das orações por justiça sejam destinadas a culpados desconhecidos. Nos textos, é possível notar uma descrição das aflições que visam atingir o amaldiçoado no caso de ele não devolver o objeto roubado, ou uma declaração de vingança "legítima" (Campos, 2022, p. 107).

Os aspectos citados foram aplicados para as *defixiones* ibéricas e foram possíveis de serem observados com a elaboração da base de dados, assim permitindo um estudo mais detalhado dessas placas de maldição. Além disso, compreender onde essas placas eram depositadas é crucial. O depósito das *defixiones* está intimamente ligado à divindade em que o emissor do discurso suplica em prol de uma causa, sendo comum encontrá-las em locais de culto, como templos e santuários.

De acordo com Christopher Faraone e Richard Gordon em seu artigo "*Curse-tablets in Italy and the Western Roman Empire: Development, Aims, Strategies and Competence*" (2019), uma série de locais foram identificados como locais de depósito das *defixiones*. O depósito das lâminas estava relacionado às representações físicas que o solicitante pedia em seu discurso. Assim, é comum encontrar esses tabletes próximos a templos, altares, santuários, fontes de água sacralizadas ou túmulos, locais com maior aspecto público religioso para o desenvolvimento da magia. Além disso, é possível encontrar esses itens em locais variados, como poços, locais de encontros públicos, como câmaras, e locais de entretenimento, como circo e anfiteatros (Gordon, Faraone, 2019, p. 319).

3. AS *DEFIXIONES* NA PENÍNSULA IBÉRICA: HÁBITO EPIGRÁFICO

3.1 - Península Ibérica e Império Romano:

Para compreendermos os processos de contato que envolvem os povos Ibéricos com Roma, devemos adentrar nos sentidos sociais e políticos nos quais essas duas regiões se estreitam e se ajudam. Durante o final do século III AEC, a Península Ibérica passa por uma ressignificação com a presença do Império Romano, sendo que o primeiro contato efetivo com os Romanos aconteceu em 218 AEC por meio de políticas externas que visam combater possíveis ameaças cartaginesas, que ocorreram logo após a II Guerra Púnica (Borges, 2016, p. 51).

Para os Romanos, a região da Península Ibérica representava durante o século II AEC "o desconhecido", cuja variação climática e suas reservas de minérios fizeram com que diversos povos estabelecessem relações e contatos com aquela região, produzindo uma diversidade étnica e social dentro da Península. Por meio do contato entre os povos Ibéricos e Romanos, temos como reação interações sociais, culturais e religiosas de ambos. Segundo Carlos Campos, a interação cultural e de comércio entre os povos Romanos e os povos Ibéricos fez com que diversas práticas do continente fossem anexadas no cotidiano dos povos da Península, tais como o uso do Latim, ritos, mitos e crenças, dos quais podemos destacar a presença da magia por meio de tabletes de imprecação presentes na região de Sagunto (Campos, 2013, p. 101-102). Essa presença das lâminas de magia na região de Sagunto é resultado de uma imbricação cultural.¹ Sendo assim, por meio de estudos da região de Sagunto, é possível observar que os avanços do Império Romano na Península Ibérica não se deram somente na perspectiva do alicerce político, e sim em diversas outras áreas como nas culturas e sociedades.

Ademais, observarmos o investimento de Roma na construção de uma perspectiva social, política e cultural, também observamos a construção de um imaginário passível para a elaboração de uma identidade e Alteridade para os povos que constitui a região. Essa presença dos Romanos na construção dessa alteridade, faz com que os elementos

¹ Segundo Carlos Campos através da ótica de Edward Said, podemos classificar como Imbricação Cultural o contato e a troca cultural de duas ou mais sociedades. Para Said, todas as sociedades que tenham tido contato com outras são consideradas *Imbricadas* não podem ser consideradas como sociedades de culturas "Puras". (Said, 1994, p. 28; Campos, 2013, p. 28)

por ela modificados atuam como um campo essencial na difusão de *entidades culturais e geográficas* no qual seu propósito é alinhar os interesses políticos e sociais de Roma (Campos, 2013, p.22-23). Vale mencionar que as experiências romanas e ibéricas foram diversas, o que gerou inúmeros contextos a serem explorados sobre o domínio Romano na região.

3.2 - As *defixiones* na Península Ibérica Romana:

Nossa análise percorre através de uma análise temporal e espacial sobre as dentre as pranchas analisadas e catalogadas. Temos um quantitativo de 20 lâminas que fazem parte do acervo. Essas lâminas pertencem respectivamente às regiões: Ampúrias (6 lâminas); Barchín del Hoyo (1 lâmina); Bolonia / Baelo Claudia (1 lâmina); Carmona (1 lâmina); Córdoba (5 lâminas); Sagunto (6 lâminas).



Imagem 4: Mapa mundi de Gustav Droysen, 1886 (Fonte: Wikimedia)

3.2.1 Ampúrias

Localizada na região litorânea da Hispânia Tarraconense, Ampúrias foi uma importante cidade para o Império Romano, fundada no ano de 575 AEC, em meio aos contatos entre os povos ibéricos e os romanos. Na região, foram catalogadas seis lâminas, sendo 5 lâminas identificadas no contexto jurídico (oração ou apelo por justiça) e 1 lâmina a qual não conseguimos identificar. No que tange à situação das divindades, não foi possível identificar, a partir das análises dessas lâminas, as respectivas divindades.

A primeira *defixio* catalogada foi encontrada em área de uma casa romana. Sua datação remonta aos séculos I AEC a I EC. A base utilizada para a escrita foi uma placa de chumbo, na qual não foram identificadas perfurações ou dobras. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.1.1/6) e apresentamos a nossa tradução para essa inscrição²:

Texto Estabelecido: ... *habeant illum ... felix ... Italicus ...*

Tradução: ...tenham-lô... afortunado ... Itálico ...

Neste texto não foi possível identificar com clareza todos os pontos apresentados pelo emissor do discurso devido à falta de informação. Observamos apenas a escrita “*habeant illum / felix / italicus*” / “tenham-lô/afortunado/Itálico”. O nome ‘Itálico’ está presente na *defixio* sem apresentar um contexto, sendo possível se tratar do nome do emissor ou receptor do discurso. Mediante esse fator, não é possível localizar ou identificar alguns pontos desta *defixio* como a divindade evocada, o nome preciso do emissor e nome do receptor, a motivação do emissor a presença de partes do corpo, objetos ou a presença de palavras em outros idiomas ou elementos mágicos.

A segunda *defixio* catalogada foi encontrada em contexto hídrico, em uma praia sem a delimitação do local. A sua datação é do século I AEC e a base utilizada para a escrita foi uma placa de chumbo, na qual não foram identificadas perfurações ou dobras. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.1.1/1)

² Todas as *defixiones* apresentadas nesse tcc contam com a tradução da equipe do projeto das *defixiones*: Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos, Prof. Dr. Arthur Rodrigues e Leonardo Arguello Alves.

Texto Estabelecido: *Veranio, Pupilius Stabilio, Apolindorus, Phylargurus Scapi, Syrisca Alexae, Pappus, Amphio Parnacis, Zodianus, omnes qui inimici Senecae.*

Tradução: Veranião, Pupílio Estabilião, Apolindoro, Filarguro, escravo de Escapo, Sirisca, escrava de Alexandre, Pappo, Anfião, escravo de Parnace, Zodianus, todos que são inimigos de Sêneca.

No texto é possível observar o caso de uma placa onomástica³, cuja principal motivação está possivelmente relacionada com uma causa processual. No texto não é possível identificar nome do emissor do discurso, tom discursivo, divindade, objetos ou partes do corpo e nem a presença de palavras em outro idioma, porém é possível notar a presença do receptor do discurso atrelado a todos os que o autor cita.

A terceira *defixio* catalogada foi encontrada em uma sepultura localizada na Necrópoles Ballesta. A sua datação é do século I EC e a base utilizada para a escrita foi uma placa de chumbo, na qual não foram identificadas perfurações ou dobras. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.1.1/2).

Texto Estabelecido: *Maturus, procurator Augusti, consilium legati, legati Indicetanorum. Olossitani, Titus Aurelius Fulvus, legatus Augusti, Rufus, legatus Augusti*

Tradução: Maturo, procurador de Augusto, legado do conselho, legado dos índices. Olossitano Tito Aurélio Fulvo, legado do Augusto, Rufo, legado de Augusto.

No texto é possível observar elementos onomásticos, o qual a sua motivação também transparece um contexto de causa processual. Na *defixio*, não é possível identificar nome do emissor do discurso, tom discursivo, divindade, objetos ou partes do corpo e nem a presença de palavras em outro idioma, porém é possível notar a presença do receptor do discurso atrelado a todos os que o autor cita.

A quarta *defixio* catalogada foi encontrada no mesmo contexto da *defixio* anterior, em uma sepultura localizada na Necropolis Ballesta. A sua datação é do século I EC e a base utilizada para a escrita foi uma placa de chumbo, na qual não foram identificadas perfurações ou dobras. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.1.1/3).

³ O termo onomástico refere-se a textos cuja sua composição é realizada apenas por nomes não sendo identificado qualquer outra informação escrita.

Texto Estabelecido: *Consilium Fulvi legati, Olossitani, Campanus Fidentinus Augusti ... Fulvus, legatus Augusti, Rufus, legatus Augusti, Maturus, procurator Augusti, legati, advocati Indictanorum*

Tradução: Conselho legado do Fulvo, Olossitano, Câmpano Fidêncio Augusto [...] Fulvo, legado de Augusto, Rufus, legado de Augusto, Maturus, procurador do legado do Augusto, advogado dos Indictes.

No texto é possível observar relação com as fórmulas mágicas anteriores, escrita onomástica, possivelmente podendo ser outra causa processual. No texto é possível notar a presença do receptor do discurso, porém não sendo possível identificar nome do emissor do discurso, tom discursivo, divindade, objetos ou partes do corpo e nem a presença de palavras em outro idioma.

A quinta *defixio* catalogada foi encontrada no contexto urbano e se trata de um achado arqueológico em uma rua, porém não sendo possível a delimitação do local pela falta de dados. A sua datação está entre os séculos I e II EC e a base utilizada para a escrita foi uma placa de chumbo, na qual demonstra ter sido dobrado ou enrolado. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.1.1/5).

Texto Estabelecido: ... *ei... ...qui me ... cum, qui mihi facinus imposuit, ...paucos sit paupertatis meam ... hodie potui me inopia fuit ... cum putet eo modo facio tibi ... parturiens pro donis turnavit.*

Tradução: [...]jei[...] [...]quem eu [...] Quando aquele que impôs crime contra mim, [...] Uns poucos são minha pobreza [...] Hoje poderia estar impotente [...] Quando acha que estou fazendo isso a você [...] A grávida, ela virou os presentes.

Neste texto não foi possível identificar com clareza todos os pontos apresentados pelo emissor do discurso, isso devido à falta de informação. O texto trata-se de uma oração por justiça, que se pressupõe mediante a análise de alguns elementos frasais, entre eles: “*cum, qui mihi facinus imposuit*” / “Quando aquele que impôs crime contra mim”. É possível identificar o tom de súplica atrelado ao contexto da *defixio*. Através das análises, não foi possível identificar o nome do emissor do discurso e nem um nome para o receptor. O texto também não deixa explícito o nome da divindade evocada, objetos ou partes do corpo citados nem a presença de palavras em outro idioma.

A sexta *defixio* catalogada foi encontrada no mesmo contexto da terceira e quarta *defixio* em uma sepultura localizada na Necropolis Ballesta. A sua datação é do século I EC e a base utilizada para a escrita foi uma placa de chumbo, na qual não foram

identificadas perfurações ou dobras. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.1.1/4).

Texto Estabelecido: *Olossitani, Sempronius Campanus Fidentinus. Adversari mei inique ne intersint. Fulvus, legatus Augusti, Rufus, legatus Augusti, Maturus, procurator Augusti, consilium legati, advocati Indicetanorum*

Tradução: Olossitano, Sempronio Câmpano Fidêncio. [que] meus adversários não intervêm injustamente. Fulvo, legado de Augusto, Rufo, legado de Augusto, Maturus procurador de Augusto, conselho do legado, advogado dos indicetes.

No texto é possível observar os elementos apresentados nas análises anteriores decorrente a causa de um texto onomástico. Observamos também que o autor da *defixio* apresenta uma súplica “*Adversari mei inique ne intersint*” / “que meus inimigos não intervêm injustamente” analisando que se trata de uma imprecação jurídica. No texto é possível notar a presença do receptor do discurso, porém não sendo possível identificar nome do emissor do discurso, tom discursivo, divindade, objetos ou partes do corpo e nem a presença de palavras em outro idioma.

3.2.2 Barchín del Hoyo

Barchín del Hoyo está situada hoje como um município da Espanha e ficava na antiga região da Hispânia Tarraconense. Na localidade foi catalogada apenas 1 lâmina. A *defixio* em questão foi localizada no contexto de um sítio arqueológico nas escavações da cidade, porém a sua datação está imprecisa sendo aproximada ao século I EC ou posterior. O material no qual a *defixio* foi escrito se trata de uma placa de chumbo que foi encontrada no contexto de dobra. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.1.2/1).

Texto Estabelecido: *Pro me, pro meis devotos, defixos inferis, devotos, defixos inferis: Timen et Niciam et ceteros, quos merito devovi supra pro me, pro meis. Timen, Nician, Nician.*

Tradução: Para mim, para os meus votos, prendo no submundo, votos, prendo no submundo: Time e Nício e todos os outros, a quem por mérito jurei acima por meus. Time, Nício, Nício.

Dentre as análises observadas nesta *defixio* é possível identificar que se trata de uma oração por justiça, não sendo possível identificar a divindade que o emissor recorre. Também não é possível identificar o nome do emissor do discurso, porém, observa-se que

o nome dos receptores são: “Time, Nício, Nício”. Não foi possível identificar objetos ou partes do corpo presentes nesta *defixio* nem presença de palavras em outros idiomas. Essa *defixio* é a única presente na região de Barchín del Hoyo.

3.2.3 Bolonia /Baelo Claudia

Localizada na região da Hispânia Bética, Bolonia é uma vila pertencente ao município espanhol de Tarifa, em Cádiz, Andaluzia e já foi uma importante cidade na região da Hispânia Bética. Em nosso catálogo, possuímos apenas 1 lâmina de Bolonha. A *defixio* localizada na Bolonia foi encontrada na fonte do santuário da deusa Ísis tendo seu contexto histórico entre os séculos I e II EC, seu material é composto de chumbo tendo o formato de uma “tábula ansata” (tábua de leis). Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.2.1/1).

Texto Estabelecido: *Isis Myrionyma, tibi commendo furtum meum. Mihi fac tuo numini, maiestati exemplaria: ut tu evites immedio eum, qui fecit furtum, abstulit autem res: opertorium album novum, stragulum novum, lodices duas de usu. Rogo, domina, per maiestatem tuam, ut hoc furtum reprehendas*

Tradução: Ísis Myrionyma, entrego-te o roubo que sofri. Faça-me atos exemplares conforme sua divindade e majestade, faz de modo que tire a vida de todos aqueles que o fizeram, me roubaram, ou ao seu herdeiro, uma cobertura de cama branca, um lençol novo, duas colchas de meu uso. Eu rogo, ó minha senhora, por sua majestade, para punires este roubo.

Nesta *defixio* é possível identificar que se trata de uma súplica por justiça, solicitando uma punição para um furto ocorrido. A divindade evocada é a deusa Ísis Myrionyma, assim como é possível identificar que os objetos roubados foram uma cobertura de cama branca, um lençol novo, duas colchas. O emissor pede para que aquele que fez o roubo seja punido com a vida. Não foi possível identificar o emissor e o receptor do discurso, nem palavras presentes em outros idiomas. Essa é a única *defixio* que temos em nosso catálogo desta região.

3.2.4 Carmona

Localizada na região da Hispânia Bética a 30 quilômetros de Sevilha, Carmona é uma cidade importante dentro do contexto histórico romano, pois, neste território foi

travado em 207 AEC a batalha de Carmona, dentro do contexto da Segunda Guerra Púnica. Tal conflito foi um dos mais importantes para o comandante romano Cipião. Na *defixio* encontrada em Carmona não foi relatado no catálogo o contexto de descoberta, sendo apenas identificado a sua inscrição, datada da segunda metade do século I EC. O material utilizado nesta *defixio* é o chumbo e foi encontrado a presença de furos na lâmina. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.2.2/1).

Texto Estabelecido: *Dis inferis. Vos rogo, uti recipiatis nomen Luxiae Auli Antesti filiae. Caput, cor, consilium, valetudinem, vitam, membra omnia accedat morbus cotidie et si faciatis, votum, quod facio, solvam vostris meritis.*

Tradução: Deuses infernais, eu lhes peço que recebam o nome de Lúxia, filha de Aulo Antesto. Que a doença venha, todos os dias, à sua cabeça, coração, juízo, saúde, vida e a todos os membros; se vocês o fizerem, faço um voto que hei de pagar-lhes merecidamente.

No contexto de análise desta *defixio* é possível identificar a presença do receptor do discurso “*Lúxia, filha de Aulo Antesto*”. O tom discursivo é de súplica e também se observa que o emissor evoca a divindade “deuses infernais” aplicando na construção frasal desta *defixio* as partes específicas do corpo: “*Cabeça, Coração, Decisões, Saúde, Vida e todos os outros membros do corpo*”. Não é possível por meio das análises identificar o nome do emissor do discurso e sua motivação. Não consta nas frases a presença de palavras em outros idiomas ou palavras mágicas.

3.2.5 Córdoba

Córdoba foi a capital da província da Hispânia Bética e hoje é a cidade de Córdoba na Espanha. O seu contexto de fundação remete ao ano 169 AEC e tendo destaque no ano 45 AEC no contexto da guerra civil entre os filhos de Pompeu e Júlio César, que realizou uma represália a Córdoba pelo apoio aos pompeianos e assim executando aproximadamente 22.000 pessoas. No ano de 27 AEC, Augusto eleva a Córdoba a capital da Bética chegando nos anos seguintes a ser uma das principais cidades do Império Romano e da Europa.⁴ O nome Córdoba significa “Cidade dos Rios”. Foram catalogadas 5 *defixiones* oriundas de Córdoba, sendo 2 lâminas onomásticas, 2 implicações Jurídicas e uma lâmina cujo sua motivação foi a súplica.

⁴ Ver mais em: Civitatis, Córdoba. Acesso em 15/08/2023. Disponível em: <https://www.tudosobrecordoba.com/historia>

A primeira *defixio* catalogada na região de Córdoba foi encontrada em uma sepultura na Necrópole. Sua datação é aproximadamente do século I EC. O material da inscrição é o chumbo e o mesmo tem formato de disco. Trabalhamos com o texto estabelecido por A. Kropp (2008, dfx 2.2.3/3).

Texto Estabelecido: *Caius Numisius Sexto, Caius Numisius Philemon, Numisia Heraclia, Calipso Numisiorum serva, Caia Avilia Irena, Caius Numisius Epaphroditus, Caius Numisius Aeschinus, Scintilla Numisiorum serva.*

Tradução: Gaio Numísio Sexto, Gaio Numísio Filémon, Numísia Heracleia, Calipso, escrava dos Numísios, Gaia Avília Irena, Gaio Numísio Epafrodito, Gaio Numísio Ésquino, Cintila, escrava dos Numísios.

No texto, é possível observar que se trata de uma *defixio* onomástica, ou seja, que contém somente a presença de nomes. Esses nomes são os possíveis alvos da *defixio*. Não é possível analisar diversos fatores nesta lâmina, incluindo o emissor do discurso, o seu tom discursivo, a divindade evocada, quaisquer objetos ou partes do corpo. Também não é possível identificar palavras presentes em outros idiomas ou a motivação do emissor ao realizar a magia.

A segunda *defixio* de Córdoba se trata do contexto de escavação em escombros de *Cuesta de la Pólvora*, sendo datada do século I AEC. Nesta lâmina é possível observar a mudança do material utilizado, nesse caso o bronze é a base da inscrição. A sua estrutura foi encontrada dobrada e trabalhamos com o texto estabelecido por Campos (2011, dfx nº 4).

Texto Estabelecido: *Priamus l(ibertus) mutus sit / omnibus modis / 'Ha'nnue ne q(u)is pos(s)it de (he)reditate / verbum quod facere sileant / Omnes o(b)m[ute]sc[an]t.*

Tradução: Que fique mudo o liberto Primo de todas as formas. Não permitas que alguém se pronuncie acerca da herança. Calem todos. Emudeçam.

Observamos, no primeiro momento, que a *defixio* se trata de uma impreciação jurídica e o emissor do discurso, em tom imperativo, solicita nesta magia que Primo não fale acerca da herança, assim solicitando três vezes que ele se cale. Nesta *defixio* não foi possível a identificação do emissor do discurso, nem a divindade evocada. Palavras em outros idiomas e a presença de partes do corpo humano também não foram identificados.

A terceira *defixio* de Córdoba foi encontrada em uma sepultura na necrópole de Córdoba sendo datado do século I AEC. Nesta lâmina é possível observar que o material utilizado para a inscrição foi o cobre e não possui nenhum tipo de dobras ou furos. Trabalhamos com o texto estabelecido por Kropp (2008, dfx 2.2.3/1).

Texto Estabelecido: *Dionysia Dentatae ancilla rogat deos: Ego rogo, bono bono, deis, rogo, oro, bono inferos bono, Salpina, rogo, oro et bonos inferos, ut deorsum, quod fit deis inferis, ut hoc, quod sit causa et ecquod votum feci, ut solvat, rogo, ut illam ducas, rogo, oro*

Tradução: Dionísia, serva de Denácia roga aos deuses. Eu rogo pelo bem pelo bem dos deuses, rogo e oro pelo bem aos infernos, pelo bem por Salpina, rogo e oro também com boas ofertas, pelo bem que esta súplica que se toma aos deuses infernais, para este que é causa e esta que diz o voto, que deixa rogo, que a leva rogo, oro.

Nessa *defixio*, observamos no primeiro momento que se trata de uma oração para uma divindade específica, no caso a deusa Salpina (Prosérpina) e os deuses infernais. A emissora do discurso foi identificada como Dionísia, serva de Denácia, pois a mesma se coloca como locutora: “*Eu rogo pelo bem, pelo bem [...]*”. O tom do discurso foi o de súplica, porém que não sabemos a motivação. Nesta *defixio* não foi possível a identificação de palavras em outros idiomas como também não foram identificados a presença de partes do corpo humano.

A quarta *defixio* de Córdoba foi encontrada também em uma sepultura na necrópole de Córdoba sendo datado do século I AEC. Nesta lâmina é possível observar que o material utilizado para a inscrição foi o cobre e não possui nenhum tipo de dobras ou furos. Trabalhamos com o texto estabelecido por Kropp (2008, dfx 2.2.3/2).

Texto Estabelecido: *Titus noster, Fausta Fausti, Pollio filius, Casius, Clipius, Munnitia.*

Tradução: Nosso Tito, Fausta de Fausto, Polião, o filho, Cásio, Clípio, Munícia.

No texto, é possível observar que se trata de uma *defixio* onomástica, ou seja, que só contém a presença de nomes assim como a primeira *defixio* de Córdoba presente neste catálogo. Estes nomes são possíveis receptores da *defixio*. Novamente, por se tratar de uma *defixio* onomástica, não é possível analisar diversos fatores, entre eles o nome do emissor do discurso, o seu tom discursivo, a divindade evocada, quaisquer objetos ou

partes do corpo. Também não é possível identificar palavras presentes em outros idiomas ou a motivação do emissor em fazer a magia.

A quinta *defixio* de Córdoba se trata de um contexto de escavação em escombros de *Cuesta de la Pólvora*, sendo datado do século I AEC. Nesta lâmina é possível observar a mudança do material utilizado sendo o bronze a base da inscrição. A sua estrutura foi encontrada dobrada. Trabalhamos com o texto estabelecido por Campos (2011, dfx nº 5).

Texto Estabelecido: *[De?]mentia / [dol?]ore sin / [guli om]utecant / [...]conari[...]/not[a...]/[...]/cussib[i...] gen/[ius m]qlevolus ob/[mut]escant d(e)sue / [et] anue hered/[es] mutui sin[t] / si[le]r*

Tradução: “Emudeçam um por um na loucura e na dor [...] esforça te [...] escrito[...] para eles[...] emudeçam. Gênio maléfico, emudeçam. Que os herdeiros fiquem mudos e se cale”

Nessa *defixio*, observamos que se trata de uma imprecação sem a motivação clara, possivelmente jurídica, assim como na segunda *defixio* presente neste catálogo. Não foi possível identificar o emissor do discurso, somente os receptores que foram “os herdeiros”. A divindade escolhida foi o “gênio maléfico” em um tom discursivo de súplica. Não foram identificados objetos ou partes do corpo presentes na *defixio* assim como palavras em outro idioma ou palavras mágicas.

3.2.6 Sagunto

A cidade ficava localizada na Hispânia Tarraconense, hoje é um município da Espanha na província de Valência. Sagunto foi um polo importante para o Império Romano no contexto da II Guerra Púnica e sendo destruída pela guerra, porém sendo reconstruída pelos Romanos. Sagunto apresenta 6 lâminas sendo 3 delas não identificadas, 2 orações por justiça e 1 imprecação amorosa.

A primeira *defixio* foi localizada na encosta sul da colina do Castelo de Sagunto. A sua datação está situada entre os séculos I e II EC e sendo a sua base material o chumbo. Não foram encontradas dobras ou furos no chumbo. Trabalhamos com o texto estabelecido por Kropp (2008, dfx 2.1.3/3).

Texto Estabelecido: *Cryse ligo auri po[...]II /Rogat et a Iau dat pequnia quae a /me accepti Heracla conservus meus/ ut insttetur uius senus, o[c]elus et/ v]ires qicumqui sunt aride/ [...] m do pequniam onori sacri/cola.*

Tradução:Cryse, dou ... libras de ouro/ Roga e faz uma doação a Iau com a/com a pecúnia que me subtraiu Heracla companheiro de servidão/ para que fique afetado no peito e nos olhos/ e que todas as suas forças fiquem atrofiadas/Dou também pecúnia ao mago pelo seu serviço.

Nessa *defixio*, observamos que se trata de uma oração por justiça. O nome do emissor do discurso ficou confuso, assim pode ser Cryse ou alguém próxima a ela. Ademais, o nome do receptor do discurso está presente nessa placa mágica que se chama “Heracla”. A divindade escolhida foi Iau e o tom do discursivo se remete à súplica. Neste texto é possível identificar também partes do corpo presentes “peito, olhos, força” e sendo uma magia direcionada a afetar alguém até levar-lhe a morte. O discurso induz há presença de um mago, pessoa responsável pela ponte entre o mundo sobrenatural e natural. A emissora do discurso também coloca em sua magia, o pagamento de uma pecúnia caso seu pedido fosse atendido tanto a divindade quanto ao mago. Neste caso, não foi possível identificar a presença de palavras em outros idiomas ou palavras mágicas no texto.

A segunda *defixio* diz respeito a região de Sagunto foi localizada em um contexto de achado arqueológico na encosta sul da colina do Castelo de Sagunto e a sua datação é do século I EC. A sua base material é o chumbo e foi encontrada dobrada. Trabalhamos com o texto estabelecido por Kropp (2008, dfx. 2.1.3/2).

Texto Estabelecido: *Quis res tunica tulid e Livia(?), obi eam / vel ium, ite is quis questo {h}habeat / trata*

Tradução:Àquele(a) que as coisas e a túnica de Livia roubou, persiga e também aos que disso tiraram benefícios.

Essa *defixio* se trata de uma impreciação por litígio. O emissor do discurso não é específico, mas acredita-se que seja alguém próximo a Livia ou até ela mesmo. Quanto ao nome dos receptores, não foi especificado o nome de uma pessoa. Os objetos funcionam como receptores da magia para atingir ao alvo, bem como aqueles que tiveram proveito dos objetos do furto. O tom discursivo desta *defixio* é o de súplica, não sendo possível identificar o nome da divindade evocada e a presença de outros idiomas.

A terceira *defixio* foi localizada na encosta sul da colina do Castelo de Sagunto. A sua datação apresenta é do século I EC e sendo a sua base material o chumbo que foi

encontrada dobrada. Trabalhamos com o texto estabelecido por Kropp (2008, dfx 2.1.3/1).

Texto Estabelecido: *Quintula cum Fortunali sit semel et numquam*

Tradução: Que Quintula esteja uma vez com Fortunal e nunca.

Essa *defixio* trata de uma imprecação amorosa. O emissor do discurso não foi identificado, já o nome dos receptores do discurso foram “*Quintula e Fortunal*”. O tom discursivo desta *defixio* é um tom imperativo. Não foi possível identificar o nome da divindade evocada e a presença de palavras em outros idiomas ou palavras mágicas, porém é possível identificar partes do corpo presente. Neste caso, fica ambíguo que a magia se relaciona com o fato de os corpos dos dois nunca mais estejam juntos a partir do último encontro deles.

A quarta *defixio* foi achada na montanha do Castelo, em Sagunto. A sua datação é o século I EC e a sua base material é metálica, porém não foi identificada. Também não foram identificados presença de furos ou dobras neste material. Trabalhamos com o texto estabelecido por Corell (2002, pp. 77 – 78).

Texto Estabelecido: [---] *Tropae (!) Argus * Pa [--- Sym?] perusa-----*
----?

Tradução: [---] de Tropa (!) Argo* Pa [--- Sim?] perusa ----- ?

Neste contexto, a *defixio* não possui uma estrutura minimamente legível para se fazer uma análise em torno do seu conteúdo. A estrutura das palavras não tem uma continuação devido ao desgaste e faz com que não seja possível compreender o contexto que esta lâmina está inserida e nem a quem ela deseja alcançar.

A quinta *defixio* foi localizada no lado oeste da Montanha do Castelo, em Sagunto, Espanha. A sua datação foi inscrita entre os séculos I e II EC e sendo a sua base material não identificada no catálogo. Também não foram identificados presença de furos ou dobras neste material. Trabalhamos com o texto estabelecido por Corell (2002, pp. 78).

Texto Estabelecido: Não Identificado

Tradução: Não Identificada

Neste contexto, a *defixio* se encontra muito desgastada e assim inviabilizando os estudos sobre o seu conteúdo.

A sexta *defixio* foi localizada no lado oeste da Montanha do Castelo, em Sagunto, Espanha. A sua datação foi inscrita entre os séculos I e II EC e sendo a base material uma placa de chumbo. Também não foram identificados presença de furos ou dobras neste material. Trabalhamos com o texto estabelecido por Corell (2002, pp. 71 – 73).

Texto Estabelecido: *Iao (?) (ad marginem sinistrum) Rogat uti manudatum/ qe[que m]enta a tibi commendo/ ani[ma] vul[tus] venter Eterionis Aulia[ni?] fili/ in omni ira da dis infe[ris] rog[at ora]t et querit ut pecus [...]qures qu[o]d [...] [...] ita [...] - Fulvilla rogat quod Os, manus, digitus, autres, vox*

Tradução: Iao o rogo fervorosamente/ O confio cada um dos membros/O anima, a cara, o ventre de Eterionis filho de Aulia./ Entrega aos deuses infernais com toda cólera/ Solicito, rogo e imploro. Como este boi[...] [...] do mesmo jeito que[...] Fulvila roga que a boca, as mãos, os dedos, as orelhas, a voz.

Neste contexto, a magia teve como preço o sacrifício de um boi. A emissora da magia identificada como *Fulvila* fez esse sacrifício com o intuito de atingir *Eterionis filho de Aulia* aqui presente como receptor do discurso. No que tange a divindade evocada, observa-se que *Fulvila* evoca Iau em tom discursivo de Súplica e pede que partes específicas de *Eterionis* sejam atingidas. Desse modo, são elas: “*O anima, a cara, o ventre, as mãos, os dedos, as orelhas e a voz.*”. Neste contexto não foram identificadas palavras em outro idioma ou palavras mágicas, nem a motivação por trás da realização do ato.

Nos contextos analisados acerca da magia presente nas diferentes regiões, observa-se como o contexto da cultura romana veio se apropriando do cotidiano da região da Península Ibérica nos mais variados fatores e circunstâncias. O aspecto religioso interligado com as relações sociais do povo presente nesta região nos apresenta a influência e a amplitude em relação aos domínios romanos.

No que tange ao hábito epigráfico, vemos uma consonância no uso da onomástica nas lâminas. É interessante notar a presença do tom discursivo de súplica e imperativo nas *defixiones*, o que demonstra que as fórmulas não eram uniformes no território. O processo de expansão da magia também se conecta com o contexto de conexão territorial

com o império romano, o qual levou mais que política e economia, pois interagiu práticas culturais romanas, locais e de outros povos em contato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar aspectos essenciais acerca da história da magia e a sua relação com as práticas mágicas realizadas na Península Ibérica por meio das *defixiones*. O estudo dessas práticas mágicas é essencial para compreendermos a extensão do Império Romano e a sua influência no campo mágico-religioso alcançou dentro do Mediterrâneo Antigo. Contudo, também possibilita ver as marcas indígenas e de outros povos que ali viveram e interagiram, o agenciamento da população local. A análise deste campo nos permitiu compreender conceitos fundamentais de magia e religiosidade, sendo possível observar o ponto de ligação capaz de unir ambos os aspectos e relacioná-los de maneira a compreender sua importância histórica.

Ainda no contexto das *defixiones* o trabalho de tradução dos elementos presentes na lâmina para a língua portuguesa é algo escasso dentro do campo de estudos da magia latina. O trabalho de orientação da tradução ficou a cargo do Professor Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos (UFMS) e do Professor Dr. Arthur Rodrigues (UFRJ) e foi essencial para a correção das pranchas, assim como a análise do conteúdo ali disposto.

O processo da catalogação e tradução das lâminas é de caráter inédito dentre as pesquisas que envolvem as *defixiones* no Brasil. Idealizado pelo professor Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos, o projeto de criação do banco de dados conta com um desenvolvimento aprimorado no que tange às pesquisas sobre o assunto. A base de dados possui um campo de buscas simples e objetivo que tem como intuito levar o pesquisador a ter um acesso rápido, com qualidade e de fácil manuseio das informações ali presentes.

Vale mencionar que dentro do Banco de Dados é possível observar as regiões já catalogadas com um pequeno histórico acerca de cada lâmina, sua importância e o contexto no qual podemos atribuir a ela para sua publicação. A criação do banco de dados teve como premissa uma série de fatores que vão desde a capacitação por meio de cursos online sobre manuseio e desenvolvimento na ferramenta *Microsoft Access DataBase* até a sua publicação final. Os pontos nas quais encontramos a maior dificuldade se relaciona ao compartilhamento dos dados e a certeza de um manuseio simples e sem muitas informações desconexas. O banco de dados está em processo final de sua construção e

em breve estará disponível no site www.atrivmufms.com sendo possível fazer *download* do material. Dentro do banco de dados, as lâminas estão divididas em áreas geográficas e separadas individualmente, sendo possível fazer uma análise individual de uma lâmina apenas ou uma análise de todas as lâminas catalogadas por nós daquela região.

Dessa forma, não podemos deixar de dar importância ao campo da catalogação, campo este essencial para a organização e divulgação das *defixiones*. A catalogação por meio de banco de dados foi o ponto de maior importância durante o processo desse TCC, pois foi possível participar da reestruturação de análises e a construção de um mecanismo de guarda de dados. Por meio do banco de dados, é possível ainda realizar um cruzamento em paralelo de informações que facilita ao pesquisador na hora de encontrar um trabalho por meio de datas ou períodos específicos ou região por onde ela se situa. Logo, há possibilidade de realizar por diversos meios de pesquisas a análise daquilo que se almeja encontrar e o resultado de uma pesquisa completa dentro do banco de dados, assim sendo uma ferramenta essencial para a popularização do conhecimento.

Este TCC integrou outras atividades como a I jornada de Magia do ATRIVM / UFMS, apresentações em *anais* de eventos como o Integra UFMS e o Projeto VEM PRA UFMS que leva a universidade para as escolas. Também contamos com apoio financeiro tanto para a elaboração do projeto da tradução e catalogação das *defixiones* como para construção do banco de dados, sendo o fomentador financeiro para este o CNPq com a Bolsa de Iniciação Científica.

Ao longo de nossas reflexões elencamos a importância do estudo da magia e sua contribuição para uma análise discursiva do ideal comum na antiguidade e sua forma de compreender a ação sobrenatural em suas vidas. O estudo das *defixiones* permite compreendermos dentro da História da Magia um campo fundamental do pensamento e da ação humana assim como a influência religiosa e social do Império Romano nas comunidades da Península Ibérica.

Em suma, concluímos que as análises das *defixiones* sua tradução e transformação em base de dados foi algo essencial em minha formação enquanto historiador, pois permitiu observar elementos até então ocultos acerca da identidade popular, assim como foi ponto fundamental para os estudos do Latim e estudos da tecnologia com pesquisas

voltadas ao desenvolvimento do banco de dados e a construção de meios de divulgação científica.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS:

CAMPOS, C, E, C. Repertório temático e tradução das *defixiones* da Península Ibérica (I AEC - V EC). Criado em 2021/22.

CORELL, J. Inscripcions romanes del País Valencià: Saguntum i el seu territori. I. Universitat de València, 2002.

KROPP, A. Magische Sprachverwendung in vulgärlateinischen Fluchtafeln (defixiones). ScriptOralia; 135. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2008.

CAMPOS, C, E, C. As *tabellae defixionum* da região do Lácio (I AEC-II EC): tradução, análise textual e hábito epigráfico. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2022. 267 p.

REFERÊNCIAS:

BREMMER, J. Religion, Ritual and the opposition sacred vs profane. In: GRAF, F. (ed.). Ansichten griechischer rituale: Geburtstags-Symposium für Walter Burkert, Castelen bei Basel, 15. bis 18. März 1996. Stuttgart and Leipzig: B.G. Teubner, 1998, p. 9-32.

CALDEIRA, F. Introdução aos Sistemas de Gestão de Bases de Dados Microsoft ACCESS, 2003. Disponível em: http://www.estgv.ipv.pt/paginaspessoais/jloureiro/gcp_inf22002_2003/sebenta/seb_c ap5_2.pdf Acessado em: 12/07/2021.

CAMPOS, C. E. C. Ritos Mágico-Religiosos no Império Romano: As *Defixiones* de Corduba (séc. II a.C. ao I d.C.). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

CORNELLI, G. O pitagorismo como categoria historiográfica, Coimbra 2011. Imprensa da Universidade de Coimbra

ECO, U. Quase a mesma coisa. Trad.: Eliana Aguiar; Revisão técnica: Raffaella Quental. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FRAZER, J. *The Golden Bough. A Study in Magic and Religion*. London: Macmillan Press, 1983.

FREITAS, R. C. Roubar é um negócio de palavra: léxico do furto e do roubo em documentos latinos e portugueses. In: FARGETTI, C. M. [et all.]. *Léxico e Cultura*. Araraquara: Ed. Letraria, 2015, p. 73-86.

_____; FUNARI, P. P. Invocando deuses e clamando por vingança em fontes literárias e epigráficas. In: CORNELLI, G; COUTINHO, L. *Estudos Clássicos IV – Percursos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, p. 296-323.

GAGER, J. G.(ed.) *Curse Tablets: Binding Spells from the Ancient World*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1992.

GRAF, F. *La Magie dans L' Antiquité Gréco- Romaine – Ideologie et Pratique*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

GREIMAS, A, J.; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1979.

GORDON, R. Gods, guilt and suffering: psychological aspects of cursing in the north-western provinces of the Roman Empire. *Acta Classica Universitatis Scientiarum Debreceniensis*, 49, 2013, p. 255-281.

GORDON, R.; SIMON, F. M. *Magical practice in the Latin West*. Leiden: Brill, 2010.

GORDON, R. Imagining Greek and Roman Magic. In: OGDEN, D.; FLINT, V.; GORDON, R.; LUCK, G. *Witchcraft and Magic in Europe – Ancient Greece and Rome*. Pennsylvania – EUA: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 159-275.

GUARINELLO, N, L. Uma morfologia da história: as formas da história antiga. *Politeia: História e Sociedade*, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

GUARINELLO, N. L. *Ensaio sobre História Antiga*. Tese apresentada para o concurso de livre-docência na área de História Antiga. Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, São Paulo, 2014.

HUBERT, H.; MAUSS, M. Esboço de uma teoria geral da magia. In: HUBERT, H.; MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003, p. 47-181.

IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LUCK, G. *Arcana Mundi - Magia y Ciéncias Ocultas en el Mundo Griego y Romano*. Madrid: Gredos, 1995.

_____. Witches and Sorceres in Classical Literature. In: OGDEN, D.; FLINT, V.; GORDON, R.; LUCK, G. *Witchcraft and Magic in Europe – Ancient Greece and Rome*. Pennsylvania – EUA: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 91 -158.

MICROSOFT CORPORATION. Curso de acesso e edição ao Microsoft Access DataBase. Acesso em 2021

RIVES, J. B. Magus and its cognates in classical latin. In: GORDON, R.; SIMON, F. *Magical Praticce in the Latin West*. Leiden: Brill, 2010, p.53-78.

SANTOS, D., Kolv, G., & Nazário, J. J. O Ensino e a Pesquisa em História Antiga no Brasil: Reflexões a partir dos Dados da Plataforma Lattes. *Mare Nostrum*, 8(8), 2017, 115-145.

SILVA, S, C. O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III d.C.) Franca: 2014.

SILVA, G, V. Reis, santos e feiticeiros [recurso eletrônico] : Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia (337–361) / Gilvan Ventura da Silva. - 2. ed. - Dados eletrônicos. - Vitória : Edufes, 2015.

SOUZA M. O ensino de História Antiga em debate: educação com pluralidade ou tradicionalismo acadêmico? *História & Ensino*, Londrina, v. 25, n.1, p. 571-588, jan./jun. 2019.

URBANOVÁ, D. *Latin Curse Tablets of the Roman Empire* [Innsbrucker Beiträge zur Kulturwissenschaft. Wolfgang Meid, 2018.

VERSNEL, H. *Beyond Cursing: The Appeal to Justice in Judicial Prayers*. In: FARAONE, C.; OBBINK, D. (ed). *Magika Hiera: Ancient Greek Magic & Religion*. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 60 – 106.

ANEXOS

Defixiones

NR: dfx

01

Contexto

Origem	Ampúrias (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Área de uma casa romana
Datação:	Século 1 AEC/EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido	... <i>habeant illum</i> ... <i>felix</i> ... <i>Italicus</i> ...
Tradução	... Tenham-lô... afortunado ... Itálico ...
Motivação	Não Identificado
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Não Identificado
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.1/6
Bibliografias:	ALMAGRO BASCH, M. Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas. Monografías Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1952.
Comentários:	Não foi possível identificar se Itálico se trata do emissor ou do receptor do discurso

Contexto

Origem	Ampúrias (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Recurso Hídrico (Praia)
Datação:	Século 1 AEC
Categoria:	Não informado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Informado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Veranio, Pupilius Stabilio, Apolindorus, Phylargurus Scapi, Syrisca Alexae, Papus, Amphio Parnacis, Zodiana, omnes qui inimici Senecae.</i>
Tradução	<i>Veranião, Pupílio Estabilião, Apolindoro, Filarguro, escravo de Escapo, Sirisca, escrava de Alexandre, Papo, Anfião, escravo de Parnace, Zodiana, todos que são inimigos de Sêneca.</i>
Motivação	Processo (?)
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Veranião, Pupílio Estabilião, Apolindoro, Filarguro, escravo de Escapo, Sirisca, escrava de Alexandre, Papo, Anfião, escravo de Parnace, Zodiana, todos que são
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificada
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.1/1
Bibliografias:	ALMAGRO BASCH, M. Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas. Monografías Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1952, p.161, Nr. 113; CURBERA, J. B. Two Greek Christian Inscriptions from Spain, Bd. 110 (1996), pp. 290-300; RIBEIRO, A. As tabellae defixionum: características e propósitos. Revista Portuguesa de Arqueologia, 2006, pp. 239-258.
Comentários:	A tradução de Filarguro e Sirisca mantiveram as suas origens oriundas as suas regiões

Contexto

Origem	Ampúrias (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Sepultura (Necrópoles Ballesta)
Datação:	Século 1 EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Maturus, procurator Augusti, consilium legati, legati Indictanorum. Olossitani, Titus Aurelius Fulvus, legatus Augusti, Rufus, legatus Augusti</i>
Tradução	<i>Maduro, procurador de Augusto, os legados do conselho, os legados dos indictanos. Olissitanos, Tito Aurélio Fulvo, legado de Augusto, Rufo, legado de Augusto.</i>
Motivação	Processo (Jurídico)
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Maduro, procurador de Augusto, os legados do conselho, os legados dos indictanos. Olissitanos, Tito Aurélio Fulvo, legado de Augusto, Rufo, legado de
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.1/2
Bibliografias:	ALMAGRO BASCH, M. Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas. Monografías Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1952, pp.164-167, Nr. 115; GAGER, J. Curse tablets. New York 1992, Nr. 52; RIBEIRO, A. As tabellae defixionum: características e propósitos. Revista Portuguesa de Arqueologia, 2006, pp. 239-258.
Comentários:	Escrita declinante, de baixo para cima

Contexto

Origem	Ampúrias (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Sepultura (Necrópoles Ballesta)
Datação:	Século 1 EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Consilium Fulvi legati, Olossitani, Campanus Fidentinus Augusti ... Fulvus, legatus Augusti, Rufus, legatus Augusti, Maturus, procurator Augusti, legati, advocati Indicetanorum</i>
Tradução	<i>Conselho do legado Fulvo, olissitanos, Campano Fidentino de Augusto... Fulvo, legado de Augusto, Rufo, legado de Augusto, Maduro, procurador de Augusto, legados, advogados dos indicetanos.</i>
Motivação	Processo
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Conselho do legado Fulvo, olissitanos, Campano Fidentino de Augusto, Rufo, legado de Augusto, Maduro, procurador de Augusto, advogados dos indicetanos.
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificada
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.1/3
Bibliografias:	ALMAGRO BASCH, M. Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas. Monografías Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1952, pp.164-167, Nr. 114; GAGER, J. Curse tablets. New York 1992, Nr. 52.
Comentários:	Declinante; de baixo para cima

Contexto

Origem	Ampúrias (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Rua de Neápolis
Datação:	Entre os séculos 1 e 2 EC
Categoria:	Não identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Dobrado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>...ei... ...qui me ... cum, qui mihi facinus imposuit, ...paucos sit paupertatis meam ... hodie potui me inopia fuit ... cum putet eo modo facio tibi ... parturiens pro donis turnavit.</i>
Tradução	[...]ei[...] [...]quem eu [...] Quando aquele que impôs crime contra mim, [...] Uns poucos são minha pobreza [...] Hoje poderia estar impotente [...] Quando acha que estou fazendo isso a você [...] A grávida, ela virou os presentes.
Motivação	Oração por Justiça
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Não Identificado
Tom discursivo:	Súplica/Oração
Divindade evocada:	Não Identificada
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.1/5
Bibliografias:	ALMAGRO BASCH, M. Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas. Monografías Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1952, pp. 168-169, Nr. 117.
Comentários:	

Contexto

Origem	Ampúrias (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Sepultura (Necrópoles Ballesta)
Datação:	Século 1 EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Olossitani, Sempronius Campanus Fidentinus. Adversari mei inique ne intersint. Fulvus, legatus Augusti, Rufus, legatus Augusti, Maturus, procurator Augusti, consilium legati, advocati Indicetanorum</i>
Tradução	<i>Olissitanos, Semprônio Campano Fidentino. Que os meus adversários não intervenham injustamente. Fulvo, legado de Augusto, Rufo, legado de Augusto, Maduro, procurador de Augusto, conselho do legado, advogados dos indicetanos.</i>
Motivação	Processo Jurídico
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Os Olossitano, Semprônio Campano Fidentino, Fulvo, Augusto, Rufo, Maduro, Os advogados dos Indicetanos.
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.1/4
Bibliografias:	ALMAGRO BASCH, M. Las inscripciones ampuritanas griegas, ibéricas y latinas. Monografías Ampuritanas, II. Diputación Provincial de Barcelona-Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1952, pp.164-167, Nr. 116; GAGER, J. Curse tablets. New York 1992, Nr. 52.
Comentários:	Declinante; de baixo para cima.

Contexto

Origem	Barchín del Hoyo (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Sítio Arqueológico
Datação:	Imprecisa (Antes do Séc I EC)
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Disco

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Pro me, pro meis devotos, defixos inferis, devotos, defixos inferis: Timen et Niciam et ceteros, quos merito devovi supra pro me, pro meis. Timen, Nician, Nician.</i>
Tradução	Para mim, para os meus votos, prendo no submundo, votos, prendo no submundo: Time e Nício e todos os outros, a quem por mérito jurei acima por meus. Time, Nício, Nício.
Motivação	Oração pro Justiça
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Time, Nicio
Tom discursivo:	Súplica (?)
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.1.2/1
Bibliografias:	CURBERA, J. B.; SIERRA DELAGE, M.; VELÁZQUEZ, I. (1999) - A bilingual curse tablet from Barchín del Hoyo (Cuenca). Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik. Bonn. 125, p. 279-283.
Comentários:	

Contexto

Origem	Bolonia (Hispania Bética/Baelo Claudia)
Contexto de descoberta:	Fonte do Santuário de Ísis
Datação:	Entre os Séculos I e II EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Tábua Ansata

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Isis Myrionyma, tibi commendo furtum meum. Mihi fac tuo numini, maiestati exemplaria: ut tu evites immedio eum, qui fecit furtum, abstulit autem res: opertorium album novum, stragulum novum, lodices duas de usu. Rogo, domina, per maiestatem tuam, ut hoc furtum reprehendas</i>
Tradução	Ísis Myrionyma, entrego-te o roubo que sofri. Faça-me atos exemplares conforme sua divindade e majestade, faz de modo que tire a vida de todos aqueles que o fizeram, me roubaram, ou ao seu herdeiro, uma cobertura de cama branca, um lençol novo duas colchas de meu uso. Eu rogo, ó minha senhora, por sua majestade, para punires este roubo.
Motivação	Oração por Justiça / Roubo.
Nome do emissor do discurso	Não Identificado.
Nome do receptor do discurso:	Não Identificado.
Tom discursivo:	Súplica
Divindade evocada:	Ísis Myrionyma
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	HE 1991, Nr. 227; KROPP, 2008, dfx 2.2.1/1
Bibliografias:	RIBEIRO, A. As tabellae defixionum: características e propósitos. Revista Portuguesa de Arqueologia, 2006, pp. 239-258; VERSNEL, H. S. Beyond cursing: the appeal to justice in judicial prayers. In FARAONE, C. A.; OBBINK, D., eds.- Magika Hiera. Oxford: Oxford University Press, 1991, pp. 60-106.
Comentários:	

NR: dfx

09

Contexto

Origem	Carmona (Hispania Bética)
Contexto de descoberta:	Não especificado
Datação:	Segunda metade do Século I AEC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Presença de Buracos

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Dis inferis. Vos rogo, uti recipiatis nomen Luxiae Auli Antesti filiae. Caput, cor, consilium, valetudinem, vitam, membra omnia accedat morbus cotidie et si faciatis, votum, quod facio, solvam vobis meritis.</i>
Tradução	<i>Deuses infernais, eu lhes peço que recebam o nome de Lúxia, filha de Aulo Antesto. Que a doença venha, todos os dias, à sua cabeça, coração, juízo, saúde, vida e a todos os membros; se vocês o fizerem, faço um voto que hei de pagar-lhes mercadamente.</i>
Motivação	Não Identificado
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Lúxia, filha de Aulo Antesto.
Tom discursivo:	Súplica
Divindade evocada:	Os deuses Infernais
Objetos ou partes do corpo citadas no	Cabeça, Coração, Decisões, Saúde, Vida e todos os outros membros do corpo.
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	KROPP, 2008, dfx 2.2.2/1
Bibliografias:	CORELL, J. Defixionis tabella aus Carmona. Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik. Bonn. 95, 1993, pp. 261-268; RIBEIRO, A. As tabellae defixionum: características e propósitos. Revista Portuguesa de Arqueologia, 2006, pp. 239-258.
Comentários:	

Contexto

Origem	Córdoba (Hispania Bética)
Contexto de descoberta:	Sepultura (Necrópole)
Datação:	Século I EC (?)
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Disco

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Caius Numisius Sexto, Caius Numisius Philemon, Numisia Heraclia, Calipso Numisiorum serva, Caia Avilia Irena, Caius Numisius Epaphroditus, Caius Numisius Aeschinus, Scintilla Numisiorum serva.</i>
Tradução	<i>Gaio Numísio Sexto, Gaio Numísio Filémon, Numísia Heracleia, Calipso, escrava dos Numísios, Gaia Avília Irena, Gaio Numísio Epafrodito, Gaio Numísio Ésquino, Cintila, escrava dos Numísios.</i>
Motivação	Não Identificado
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Gaio Numísio Sexto, Gaio Numísio Filémon, Numísia Heracleia, Calipso, escrava dos Numísios, Gaia Avília Irena, Gaio Numísio Epafrodito, Gaio Numísio
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	CIL II 2 / 7, 251; ILER 5915; KROPP, 2008, dfx 2.2.3/3
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A Magia das Defixiones Latinas de Corduba (séc. II a.C. ao I d.C.). MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez), pp.81-96; KNAPP, R. C. Roman Córdoba. Berkeley; London; Los Angeles: University of California Press, 1983, p. 91; NAVASCUÉS, J. M. Plomos romanos con inscripción mágica hallados en Córdoba. Archivo Español de Arte e Arqueología. Madrid. 28, 1934, pp. 51-59.
Comentários:	

Contexto

Origem	Córdoba (Hispania Bética)
Contexto de descoberta:	Escavação em escombros de Cuesta de la Pólvara
Datação:	Século I AEC
Categoria:	Não Identificada

Composição

Material:	Bronze
Forma:	Dobrada

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Priamus l(ibertus) mutus sit / omnibus modis / 'Ha'nnue ne q(u)is pos(s)it de (he) reditate / verbum quod facere sileant / Omnes o(b)m[ute]sc[an]t.</i>
Tradução	<i>Que fique mudo o liberto Priamus de todas as formas. Não permitas que alguém se pronuncie acerca da herança. Calem todos. Emudeçam.</i>
Motivação	Imprecação Jurídica
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Príamo e todos?
Tom discursivo:	Súplica
Divindade evocada:	Não Identificada
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificada
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	CIL II2/7, 251 a; CAMPOS, 2011, dx n° 4
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A Magia das Defixiones Latinas de Corduba (séc. II a.C. ao I d.C.). MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez), pp.81-96;
Comentários:	

Contexto

Origem	Córdoba (Hispania Bética)
Contexto de descoberta:	Sepultura (Necrópole)
Datação:	Século I AEC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Dionysia Dentatae ancilla rogat deos: Ego rogo, bono bono, deis, rogo, oro, bono inferos bono, Salpina, rogo, oro et bonos inferos, ut deorsum, quod fit deis inferis, ut hoc, quod sit causa et equod votum feci, ut solvat, rogo, ut illam ducas, rogo, oro</i>
Tradução	Dionísia, serva de Denácia roga aos deuses. Eu rogo pelo bem pelo bem dos deuses, rogo e oro pelo bem aos infernos, pelo bem por Salpina, rogo e oro também com boas ofertas, pelo bem que esta súplica que se toma aos deuses infernais, para este que é causa e esta que diz o voto, que deixa rogo, que a leva rogo, oro.
Motivação	Oração
Nome do emissor do discurso	Dionísia
Nome do receptor do discurso:	Não identificado
Tom discursivo:	Súplica
Divindade evocada:	Salpina (Prosérpina) e deuses infernais
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	CIL II2 / 7,250; KROPP, 2008, dfx 2.2.3/1
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A Magia das Defixiones Latinas de Corduba (séc. II a.C. ao I d.C.). MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez), pp.81-96; NAVASCUÉS, J. M. Plomos romanos con inscripción mágica hallados en Córdoba. Archivo Español de Arte e Arqueología. Madrid. 28, 1934, pp. 51-59; RIBEIRO, A. As tabellae defixionum: características e propósitos. Revista Portuguesa de Arqueologia, 2006, pp. 239-258.

Comentários:

Contexto

Origem	Córdoba (Hispania Bética)
Contexto de descoberta:	Sepultura (Necrópole)
Datação:	Século I AEC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Titus noster, Fausta Fausti, Pollio filius, Casius, Clipius, Munnitia</i>
Tradução	<i>Nosso Tito, Fausta de Fausto, Polião, o filho, Cásio, Clípio, Munícia.</i>
Motivação	Não Identificado
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Nosso Tito, Fausta de Fausto, Polião, o filho, Cásio, Clípio, Munícia.
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	CIL II ² /7, 252; KROPP, 2008, dfx 2.2.3/2
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A Magia das Defixiones Latinas de Corduba (séc. II a.C. ao I d.C.). MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez), pp.81-96; NAVASCUÉS, J. M. Plomos romanos con inscripción mágica hallados en Córdoba. Archivo Español de Arte e Arqueologia. Madrid. 28, 1934, pp. 51-59.
Comentários:	

Contexto

Origem	Córdoba (Hispania Bética)
Contexto de descoberta:	Escavação em escombros de Cuesta de la Pólvara
Datação:	Século I AEC
Categoria:	Não Identificada

Composição

Material:	Bronze
Forma:	Dobrada

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>[De?]mentia / [dol?]ore sin / [guli om]utecant / [...]conari[...]not[a...]/[...]cus sib[i...] gen/[ius m]qlevolus ob/[mut]escant d(e)sue / [et] anue hered/[es] mutui sin[t] / si[le]r</i>
Tradução	“Emudeçam um por um na loucura e na dor ... esforçate...escrito...para eles... emudeçam. Gênio maléfico, emudeçam. Que os herdeiros fiquem mudos e se calem”
Motivação	Imprecação Jurídica
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Os herdeiros
Tom discursivo:	Súplica
Divindade evocada:	Gênio Maléfico
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	CIL II2/7, 251 a; CAMPOS, 2011, dx n° 5
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A Magia das Defixiones Latinas de Corduba (séc. II a.C. ao I d.C.). MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 12 (30), 2011 (jul./dez), pp.81-96; NAVASCUÉS, J. M. Plomos romanos con inscripción mágica hallados en Córdoba. Archivo Español de Arte e Arqueología. Madrid. 28, 1934, pp. 51-59.
Comentários:	

Contexto

Origem	Sagunto (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Achado Arqueológico (Encosta Sul da Colina do Castelo de Sagunto)
Datação:	Entre os Séculos I e II EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Não Identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Cryse ligo auri po[...]/III /Rogat et a Iau dat pecunia quae a /me accepti Heracla conservus meus/ ut insttetur uius senus, o[c]elus et/ v]ires qicumqui sunt aride/ [...] m do pecuniam onori sacri/cola.</i>
Tradução	Cryse, dou ... libras de ouro/ Roga e faz uma doação a Iau com a/com a pecúnia que me subtraiu Heracla companheiro de servidão/ para que fique afetado no peito e nos olhos/ e que todas as suas forças fiquem atrofiadas/Dou também pecúnia ao mago pelo seu serviço.
Motivação	Oração por Justiça
Nome do emissor do discurso	Provavelmente alguma pessoa próxima a Cryse ou ela mesmo
Nome do receptor do discurso:	Héacles
Tom discursivo:	Súplica
Divindade evocada:	Deus Iau
Objetos ou partes do corpo citadas no	Peito, Olhos.
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	CORELL, 2000 p.130; CORELL, 2002, pp. 68-70; KROPP, 2008, dfx 2.1.3/3
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.). Rio de Janeiro: NEA / UERJ, 2014, p. 225-226; CORELL, J. Invocada la intervenció de Iau en una defixio de Sagunto (Valencia). Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik. Bonn. 130, 2000, pp. 241-247; CORELL, Josep. Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. València: 2002, pp. 68- 70.

Comentários:

Contexto

Origem	Sagunto (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Encosta Sul da Colina do Castelo de Sagunto
Datação:	Século I EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Dobrado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Quis res tunica tulid e Livia(?), obi eam / vel ium, ite is quis questo {h}habeat / trata</i>
Tradução	Àquele(a) que as coisas e a túnica de Livia roubou, persiga e também aos que disso tiraram benefícios
Motivação	Imprecação por litígio
Nome do emissor do discurso	Não especificado, mas alguém próximo a Livia ou ela mesmo
Nome do receptor do discurso:	Os ladrões que o roubaram
Tom discursivo:	Imperativo; Súplica
Divindade evocada:	Não Identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	CORELL, 1994, pp. 280-286; CORELL, 2002, pp. 74-75; KROPP, 2008, dfx. 2.1.3/2
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.). Rio de Janeiro: NEA / UERJ, 2014, p. 231-232; CORELL, J. Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia). Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik. Bonn. 101, 1994, pp. 280-286; CORELL, Josep. Inscripciones romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. València: 2002, pp. 74-75.
Comentários:	

Contexto

Origem	Sagunto (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Encosta Sul da Colina do Castelo de Sagunto
Datação:	Século I EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Chumbo
Forma:	Dobrado

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Quintula cum Fortunali sit semel et numquam</i>
Tradução	Que Quintula esteja uma vez com Fortunali e nunca
Motivação	Imprecação Amorosa
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Quintula e Fortunali
Tom discursivo:	Imperativo
Divindade evocada:	Não Identificada
Objetos ou partes do corpo citadas no	Que os corpos das vítimas nunca se encontrem.
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	CORELL, 1994, pp. 280-286; CORELL, 2002, p. 75-76; KROPP, 2008, dfx 2.1.3/1
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.). Rio de Janeiro: NEA / UERJ, 2014, p. 234-235; CORELL, J. Drei Defixionum Tabellae aus Sagunt (Valencia). Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik. Bonn. 101, 1994, pp. 280-286; CORELL, Josep. Inscripciones romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. València: 2002, pp. 75- 76; VELAZQUEZ, Izabel. Hispania Epigraphica, n°05, p.228.
Comentários:	

Contexto

Origem	Sagunto (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Montanha do Castelo, em Sagunto, Espanha
Datação:	Século I EC
Categoria:	Não Identificado

Composição

Material:	Não Identificado
Forma:	Não Identificada

Análise Textual

Texto Estabelecido	[---] Tropae (!) Argus * Pa [--- Sym?] perusa----- ?
Tradução	[---] de Tropa (!) Argo* Pa [--- Sim?] perusa----- ?
Motivação	Não Identificada
Nome do emissor do discurso	Não Identificado
Nome do receptor do discurso:	Não Identificado
Tom discursivo:	Não Identificado
Divindade evocada:	Não Identificada
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não Identificada
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificado

Referências

Catálogos:	CORELL, 2002, pp. 77 - 78
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.). Rio de Janeiro: NEA / UERJ, 2014, p. 236-237; CORELL, Josep. Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. Valência: 2002, pp. 77-78.
Comentários:	

Contexto

Origem	Sagunto (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Encontrado no lado oeste da Montanha do Castelo, em Sagunto, Espanha.
Datação:	Entre os séculos I e II da E.C
Categoria:	Não identificado

Composição

Material:	Não identificado
Forma:	Não identificado

Análise Textual

Texto Estabelecido
Tradução
Motivação	Não identificado
Nome do emissor do discurso	Não identificado
Nome do receptor do discurso:	Não identificado
Tom discursivo:	Não identificado
Divindade evocada:	Não identificado
Objetos ou partes do corpo citadas no	Não identificado
Presença de palavras em outro idioma:	Não identificado

Referências

Catálogos:	CORELL, 2002, p. 78
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.). Rio de Janeiro: NEA / UERJ, 2014, p. 233; CORELL, Josep. Inscripcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. València: 2002, p. 78.
Comentários:	

Contexto

Origem	Sagunto (Hispania Tarraconense)
Contexto de descoberta:	Encontrado no lado oeste da Montanha do Castelo, em Sagunto, Espanha.
Datação:	Entre os séculos I e II da E.C
Categoria:	Não identificado

Composição

Material:	Não identificado
Forma:	Não identificada

Análise Textual

Texto Estabelecido	<i>Iao (?) (ad marginem sinistrum) Rogat uti manudatum/ qe[que m]enta a tibi commendo/ ani[ma] vul[tus] venter Eterionis Aulia[ni?] fili/ in omni ira da dis infe[r]is] rog[at ora]t et querit ut pecus [...]qures qu[o]d [...] [...] ita [...] - Fulvilla rogat quod Os, manus, digitus, autres, Vox</i>
Tradução	Iao o rogo fervorosamente/ O confio cada um dos membros/O anima, a cara, o ventre de Eterionis filho de Aulia./ Entrega aos deuses infernais com toda cólera/ Solicito, rogo e imploro. Como este boi... ... do mesmo jeito que... Fulvila roga que a boca as mãos, os dedos, as orelhas, a voz,...
Motivação	Não Identificado
Nome do emissor do discurso	Fulvila
Nome do receptor do discurso:	Eterionis filho de Aulia
Tom discursivo:	Súplica
Divindade evocada:	Deus Iao
Objetos ou partes do corpo citadas no	O anima, a cara, o ventre, as mãos, os dedos, as orelhas e a voz.
Presença de palavras em outro idioma:	Não Identificada

Referências

Catálogos:	CORELL, 2002, p. 71 - 73
Bibliografias:	CAMPOS, C. E. C. A estrutura de atitudes e referências do imperialismo romano em Sagunto (II a.C – I d.C.). Rio de Janeiro: NEA / UERJ, 2014, pp. 228-229; CORELL, J Inscipcions romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori). Primeira edição. Volume I. Ed: Universitat de València. Valência: 2002, p. 71- 73.
Comentários:	

